



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL
INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS SOCIAIS E
HUMANAS - LICENCIATURA**

MARISTELA ORGANEK

**A PRODUÇÃO DO TABACO PELA AGRICULTURA CAMPONESA NA
COMUNIDADE DE LINHA PIQUIRÍ, PRUDENTÓPOLIS (PR)**

LARANJEIRAS DO SUL

2017

MARISTELA ORGANEK

**A PRODUÇÃO DO TABACO PELA AGRICULTURA CAMPONESA NA
COMUNIDADE DE LINHA PIQUIRÍ, PRUDENTÓPOLIS (PR)**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do grau de licenciado em Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus* Laranjeiras do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Antônio Finatto.

LARANJEIRAS DO SUL

2017

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Organeck, Maristela

A produção do tabaco pela agricultura camponesa na comunidade de Linha Piquirí, Prudentópolis (PR)/ Maristela Organeck. -- 2017.

58 f.:il.

Orientador: Roberto Antônio Finatto.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Interdisciplinar em educação do campo: Ciências Sociais e humanas - licenciatura , Laranjeiras do Sul, PR, 2017.

1. Tabaco. 2. Agricultura Camponesa. 3. Agroindústria Tabagista. 4. Subordinação Camponesa. I. Finatto, Roberto Antônio, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

MARISTELA ORGANEK

**A produção do tabaco pela agricultura camponesa na comunidade de Linha
Piquiri, Prudentópolis (PR)**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus* Laranjeiras do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Antônio Finatto


Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

22 / 11 / 2017


BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Roberto Antônio Finatto



Prof. Msc. Fabio Luiz Zeneratti



Prof. Dr. Luis Carlos de Freitas

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo principal analisar o sistema de produção do tabaco, dando ênfase nas relações dos produtores com as agroindústrias na comunidade de Linha Piquirí, uma das comunidades rurais do município de Prudentópolis, Paraná, região Sul do Brasil. Nesse propósito, foi realizado um breve resgate histórico sobre a inserção e a produção do tabaco no estado e no município citado. A pesquisa foi realizada a partir de levantamento bibliográfico sobre o tema e trabalho de campo para análise *in loco* do cultivo do tabaco. Foram realizadas entrevistas com os agricultores e funcionários das empresas que atuam na comunidade, além da observação participante. Fatores como a rentabilidade, a facilidade da obtenção dos insumos, transporte e a certeza de comercialização fizeram com que o tabaco substituísse culturas tradicionais em várias áreas do sul do país. Contraditoriamente, ao mesmo tempo em que revela a subordinação da agricultura camponesa ao modelo econômico hegemônico por meio da relação com a agroindústria, a produção do tabaco também contribui para a permanência dos agricultores no campo já que utiliza a mão de obra familiar e permite a obtenção de renda significativa. A produção do tabaco orgânico, embora traga maior retorno econômico e diminua o contato com os agrotóxicos aos agricultores que trabalham com esse sistema de produção não altera a relação de subordinação dos mesmos.

Palavras-chave: Tabaco. Agricultura Camponesa. Tabaco Orgânico. Agroindústria Tabagista. Subordinação.

ABSTRACT

The main objective of this research was to analyze the tobacco production system, emphasizing the relationships between producers and agroindustries in the community of Linha Piquirí, one of the rural communities of the municipality of Prudentópolis, Paraná, Southern Brazil. In this purpose, a brief historical rescue was made on the insertion and production of tobacco in the state and in the municipality mentioned. The research was carried out from a bibliographical survey on the subject and field work for in situ analysis of tobacco cultivation. Interviews were conducted with the farmers and employees of the companies that work in the community, in addition to participant observation. Factors such as profitability, the ease of obtaining inputs, transportation and the certainty of commercialization have caused tobacco to replace traditional crops in several areas of the south of the country. Contradictory, while revealing the subordination of peasant agriculture to the hegemonic economic model through the relationship with the agroindustry, tobacco production also contributes to the permanence of the farmers in the field since it uses the family labor and allows obtaining of significant income. Organic tobacco production, while bringing greater economic returns and reducing contact with agrochemicals to farmers working with this production system, does not alter the subordination relationship between them.

Keywords: Tobacco. Peasant Agriculture. Organic Tobacco. Agribusiness Tobacco. Subordination.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Região Sul do Brasil: principais microrregiões produtoras de tabaco em folha e unidades de compra e processamento industrial – 2006.....	15
Figura 02 - Mapa com a localização do município de Prudentópolis no estado do Paraná.....	20
Figura 03 - Ciclo de venda do tabaco.....	32
Figura 04 - Carregamento do tabaco em unidade compradora na Indústria Nacional do Tabaco (INT), no município de Prudentópolis.....	34
Figura 05 - Estágios de desenvolvimento da planta do tabaco.....	36
Figura 06 - Colocação do tabaco na estufa elétrica após a colheita.....	38
Figura 07 - Tabaco seco pronto para classificação.....	38
Figura 08 - As classes do tabaco Virgínea, disponível pela Souza Cruz - safra de 2015/2016.....	39
Figura 09 - Pulverizador costal para aplicação de insumos orgânicos.....	46
Figura 10 - Adubo foliar para as mudas e óleo vegetal para o desbrote.....	44

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Evolução da fumicultura na região Sul do Brasil (1995 - 2016)	13
Tabela 02 - Os 30 municípios com maior produção de tabaco na região Sul.....	17
Tabela 03 - Área colhida, produção, rendimento médio, e valor de produção agrícola, pelo tipo de cultura temporária - 2015.....	23

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
1.1	OBJETIVOS	10
1.1.1	OBJETIVO GERAL.....	10
1.1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	10
1.2	MATERIAIS E MÉTODO DA PESQUISA.....	10
2	ALGUNS ELEMENTOS HISTÓRICOS SOBRE A PRODUÇÃO DO TABACO NA REGIÃO SUL COM ÊNFASE A PRUDENTÓPOLIS – PR.....	11
2.1	UMA CONTEXTUALIZAÇÃO ACERCA DA PRODUÇÃO DE FUMO NA REGIÃO SUL DO BRASIL.....	11
2.2	CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PRUDENTÓPOLIS	18
2.3.	A INSERÇÃO DO TABACO NO MUNICÍPIO DE PRUDENTÓPOLIS.....	21
3	AGRICULTURA CAMPONESA E A INTEGRAÇÃO SUBORDINADA.....	24
3.1	O CAMPESINATO: ENTRE SUBORDINAÇÃO E RESISTÊNCIA.....	24
3.2	AS EMPRESAS TABAGISTAS QUE ATUAM NO MUNICÍPIO DE PRUDENTÓPOLIS.....	29
4	A ORGANIZAÇÃO E AS CARACTERÍSTICAS DOS AGRICULTORES DA LINHA PIQUIRÍ, PRUDENTÓPOLIS/PR.....	36
4.1	OS MECANISMOS DE SUBORDINAÇÃO DO AGRICULTOR.....	39
4.2	A PRODUÇÃO DE TABACO ORGÂNICO: UM NOVO CAMINHO PARA O CAPITAL?	42
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
6	REFERÊNCIAS.....	47
	APÊNDICE A.....	50
	APÊNDICE B.....	52
	APÊNDICE C.....	55

1 INTRODUÇÃO

O cultivo do tabaco no Brasil vem se destacando como uma importante atividade econômica para a produção familiar na agricultura, principalmente nas áreas que não são totalmente propícias para culturas mecanizadas. Ele se constitui, assim, como uma fonte de renda para milhares de famílias no campo.

É de longa data a tradição da produção do tabaco no país. Alguns fatores como a presença de mão de obra familiar e os solos e climas favoráveis contribuíram para o desenvolvimento dessa atividade. Com o processo de modernização da agricultura brasileira a partir da década de 1960, o avanço tecnológico e a ampliação dos complexos agroindustriais na região Sul, ocorreu o aumento nos índices de produtividade e qualidade do produto.

A década de 1990, por sua vez, foi marcada por grandes investimentos tecnológicos das corporações transnacionais, ampliando as agroindústrias e a fabricação de cigarros no sul do país para atender a demanda mundial do tabaco. Com base no exposto, este trabalho aborda a produção do tabaco pela agricultura camponesa da linha Piquiri, Prudentópolis – PR, dando destaque para as relações dos produtores com as agroindústrias que atuam no município.

A motivação para a realização desta pesquisa partiu da importância em compreender como ocorreu o início da plantação do tabaco na Linha Piquirí, analisando o que motivou os agricultores a se submeterem a essa cultura que depende da mão de obra familiar. Outro elemento que contribuiu para a realização desta investigação remonta ao cotidiano da pesquisadora, a qual participa ativamente com a família da prática dessa cultura e das relações (negociações) dos produtores com as empresas compradoras e os intermediários que atuam no município.

Este campo está repleto de contradições que se materializam em nossa realidade. No que se refere ao aspecto econômico, esta produção é a base da comunidade que garante a permanência dos povos no campo e possibilita certa estabilidade econômica para as famílias. Todavia, esta produção no que se refere ao seu conteúdo e forma está diretamente ligada ao processo de desenvolvimento do capitalismo no campo.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 GERAL

- Analisar o sistema de produção do tabaco dando ênfase nas relações dos produtores com as agroindústrias na comunidade de Linha Piquirí, Prudentópolis (PR).

1.1.2 ESPECÍFICOS

- Retratar o processo de inserção e de desenvolvimento da produção do tabaco na região Sul do Brasil;
- Caracterizar a situação social e econômica das famílias que trabalham com o tabaco na comunidade pesquisada;
- Analisar as formas de integração subordinada dos agricultores em relação às agroindústrias tabagistas por meio da atuação dos compradores intermediários que atuam na região;
- Problematizar a produção do tabaco orgânico na Linha Piquirí.

1.2 MATERIAIS E MÉTODOS DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida por meio de levantamento bibliográfico, seguido de consultas nos *sites* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) para obtenção de dados quantitativos. A análise qualitativa do caso analisado foi realizada por meio de pesquisa de campo na comunidade de Linha Piquirí, a fim de realizar entrevistas e observação participante com os agricultores e informantes qualificados.

A pesquisa de campo foi realizada nos meses de julho e agosto de 2017. As entrevistas foram realizadas tendo como base um roteiro semiestruturado (Apêndices A, B e C). Foram entrevistados agricultores que compõem diferentes grupos na comunidade: (a) aqueles que iniciaram e ainda permanecem com o cultivo do tabaco; (b) agricultores que ingressaram na produção nos últimos cinco anos; (c) agricultores que trabalham com o tabaco orgânico. No total, foram realizadas 09 entrevistas: 05 entrevistas com produtores de tabaco convencional, 02 com produtores de tabaco orgânico e 02 com os orientadores (pessoas contratadas pelas indústrias para orientar o plantio, cultura e a colheita do tabaco).

2 ALGUNS ELEMENTOS HISTÓRICOS SOBRE A PRODUÇÃO DO TABACO NA REGIÃO SUL DO BRASIL

O objetivo deste capítulo é realizar uma abordagem sobre o início da produção do tabaco na região Sul do Brasil e como esse fator contribuiu para que essa cultura chegasse em solo paranaense e, por consequência, nas propriedades do município de Prudentópolis. Particularmente, abordaremos ao longo do trabalho as características da produção de tabaco na comunidade da Linha Piquirí, onde 110 famílias de agricultores sobrevivem com forte dependência do cultivo do tabaco.

2.1 UMA CONTEXTUALIZAÇÃO ACERCA DA PRODUÇÃO DE TABACO NA REGIÃO SUL DO BRASIL

Existem diferentes versões para explicar as origens da planta do tabaco, entretanto Souza Cruz (2016) afirma que ela é originária dos Andes, e que a mesma fez parte da cultura indígena, acompanhando as migrações desses povos por toda a América Central até chegar ao território brasileiro.

Embora se identifique a presença da cultura e do uso do tabaco entre os indígenas antes da colonização do Brasil, o seu cultivo para o mercado teve início no século XVII. Esse processo ocorreu quando Portugal passou a incentivar o seu cultivo no Nordeste brasileiro com objetivo de realizar trocas comerciais com a Europa e garantir o fornecimento da mão de obra escrava para a economia do açúcar (NARDI, 1996).

A produção de tabaco sempre teve um caráter econômico complementar. Não competia com as áreas destinadas à cana-de-açúcar. É pouco provável que houvesse a monocultura do tabaco, pois esse cultivo “nunca chegou a ser propriamente um ciclo econômico, mas apenas uma atividade econômica auxiliar dos ciclos principais” (BRUM, 1998, p. 136). Por outro lado, as necessidades crescentes de escravos para exploração da cana-de-açúcar e para as minas de ouro fizeram com que o comércio de fumo prosperasse (NARDI, 1985).

A produção do tabaco no início do século XIX estava voltada à produção comercial, a qual ocupava pequenas áreas, envolvendo o atual estado da Bahia e Pernambuco. A utilização da mão de obra familiar facilitava a expansão do produto e o desenvolvimento da região, o destino final do tabaco era abastecer o mercado europeu.

A produção rapidamente foi se expandindo por outros estados como Goiás, Minas Gerais e São Paulo, e ligeiramente atingiu a região Sul, onde as áreas colonizadas pelos imigrantes europeus passaram a desenvolver o cultivo. De acordo com Nardi (1996), a partir de 1850, a região Sul começou a se destacar com a produção em pequenas propriedades, em áreas destinadas à colonização de imigrantes europeus no Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Segundo Etges (1991), no início do século XIX houve um aumento significativo no consumo de cigarros; a região Nordeste era responsável pela produção de tabaco de coloração escura, chamado fumo de corda, para a fabricação de charutos, cigarrilhos e rapé; a região Sul, sobretudo os estados do Rio Grande do Sul e Paraná, se especializava no aumento da produção de tabacos claros (amarelos) para fabricação de cigarros.

Conforme Spies (2000), os imigrantes se encontravam em precárias condições econômicas, a produção de alimentos cultivados era para a subsistência e o excedente não era suficiente para manter as famílias. Dessa forma, viram na cultura do tabaco uma alternativa de melhorar as condições econômicas. Outro fator que assegurou que as famílias se dedicassem cada vez mais ao tabaco foi a dimensão das unidades de produção, com pequenos lotes de terra e mão de obra familiar abundante.

No ano de 1940 a região Sul já alcançava a posição de maior produtora de tabaco em folha no Brasil, com 27.507 toneladas, representando 52% da produção nacional. O aumento na produção não necessariamente se refletiu na qualidade do produto e a situação do tabaco brasileiro causou preocupações. Assim, no final da década de 1940 países como França, Espanha, Bélgica, Holanda e Dinamarca, compradores do fumo brasileiro, contemplados com o Plano Marshall, passaram a comprar somente tabaco norte americano, que possuía uma qualidade superior ao tabaco brasileiro (VOGT, p.102,1994).

A década de 1950 foi marcada pela superprodução do tabaco. Os produtores desta cultura se viram sem alternativas, entregavam sua produção por valor muito abaixo do mercado para não terem prejuízos ainda maiores. Entre as décadas de 1950 e 1960 o cenário mundial permaneceu sem aumento significativo na comercialização gerando grandes excedentes. Os locais de armazenagem das firmas e cooperativas permaneciam lotados, além do agricultor não conseguir vender todo o seu produto (VOGT, p.102, 1994).

Para que a situação da produção do tabaco brasileiro começasse a melhorar, deveria haver um aumento na qualidade do produto. Conforme Vogt (1994), a partir da década de 1970, foi injetada grande quantidade de capital na produção para o melhoramento da produção. Esse fator estava relacionado à aquisição de produtos químicos, maquinários, novas

construções para armazenar o tabaco, estufas e barracão. Além disso, a assistência técnica na propriedade estabelecia a garantia da compra integral do produto.

A partir de 1970, com a intensificação da internacionalização do setor, o incremento dado aos tratos convencionais da agricultura e o advento tecnológico, a região Sul ampliou significativamente a produção e, em 2006, foi responsável pela produção de 871.938 toneladas, representando 96,8% da produção nacional (SILVEIRA, 2011).

A expansão da produção do tabaco em folha no Brasil colocou o país na segunda posição dos países com maior produção, ficando atrás apenas da China, e desde o ano de 1993 o Brasil é o principal país exportador (SIDRA-IBGE, 2016).

Dados disponibilizados pelo SindiTabaco (2012), apontam que o cultivo da planta está presente em 704 municípios do sul do país, envolvendo mais de 187 mil famílias de agricultores, totalizando um número de aproximadamente 742 mil pessoas no meio rural e mais de 30 mil empregos diretos nas indústrias de beneficiamento.

Conforme a tabela 01 observa-se os dados concretos da safra das décadas de 1995 até 2016 e o avanço do tabagismo no sul do Brasil.

Tabela 01 - Evolução do tabagismo na região Sul do Brasil (1995 - 2016)

SAFRA	FAMÍLIAS	HECTARES	PRODUÇÃO	KG/há	R\$	VALOR
	Produtoras	Plantados	TON		Kg	Total
2016	144.320	271.070	525.221	1.938	9,96	5.230.364.810,00
2015	153.730	308.260	697.650	2.263	7,13	4.976.704.200,00
2014	162.410	323.700	731.390	2.259	7,28	5.321.932.174,00
2013	159.595	313.675	712.750	2.272	7,45	5.309.987.500,00
2012	165.170	324.610	727.510	2.241	6,30	4.583.313.000,00
2011	186.810	372.930	832.830	2.233	4,93	4.105.851.900,00
2010	185.160	370.830	691.870	1.866	6,35	4.393.374.500,00
2009	186.580	374.060	744.280	1.990	5,90	4.391.252.000,00
2008	180.520	348.720	713.870	2.047	5,41	3.862.036.700,00
2007	182.650	360.910	758.660	2.102	4,25	3.224.305.000,00
2006	193.310	417.420	769.660	1.844	4,15	3.194.089.000,00
2005	198.040	439.220	842.990	1.919	4,33	3.650.146.700,00
2000	134.850	257.660	539.040	2.092	2,00	1.078.080.000,00
1995	132.680	200.830	348.000	1.733	1,55	539.400.000,00

Fonte: AFUBRA, 2016.

No ano de 1995 até meados de 2016 nota-se que houve um grande desenvolvimento agrícola voltado para a cultura do tabaco, por outro lado, percebe-se um grande declínio no modelo de produção. Em 2016 ocorreu a diminuição no número de famílias produtoras, as áreas plantadas tiveram menor rendimento devido a variações climáticas em determinadas

regiões, ocorreram épocas de frio intenso e secas que prejudicaram o desenvolvimento adequado da planta. As consequências dessa variação climática estabeleceu um aumento pago pelo produto, só em 2016 foi pago um montante no valor de R\$ 5.230.364,00 na produção do tabaco no Brasil.

O tabaco demanda temperaturas medianas para o bom desenvolvimento, caso isso não ocorra, essa planta sofre grandes riscos de má formação. Como qualquer outro produto agrícola, o tabaco é uma cultura de risco e depende da variação climática para uma produção de qualidade.

No sul do país a cultura do tabaco substituiu outras culturas tradicionais e de subsistência, como a batata e o feijão, pois para os agricultores esses produtos não possuíam tanta rentabilidade, além da falta de financiamento, custos de transporte e incerteza gerada na comercialização. Isso contribuiu para que os mesmos fossem substituídos pelo tabaco. Nessa lógica, o tabaco é visto como uma cultura que apresenta apelo comercial, pois possui comercialização garantida bem como apresenta grande potencial de lucratividade.

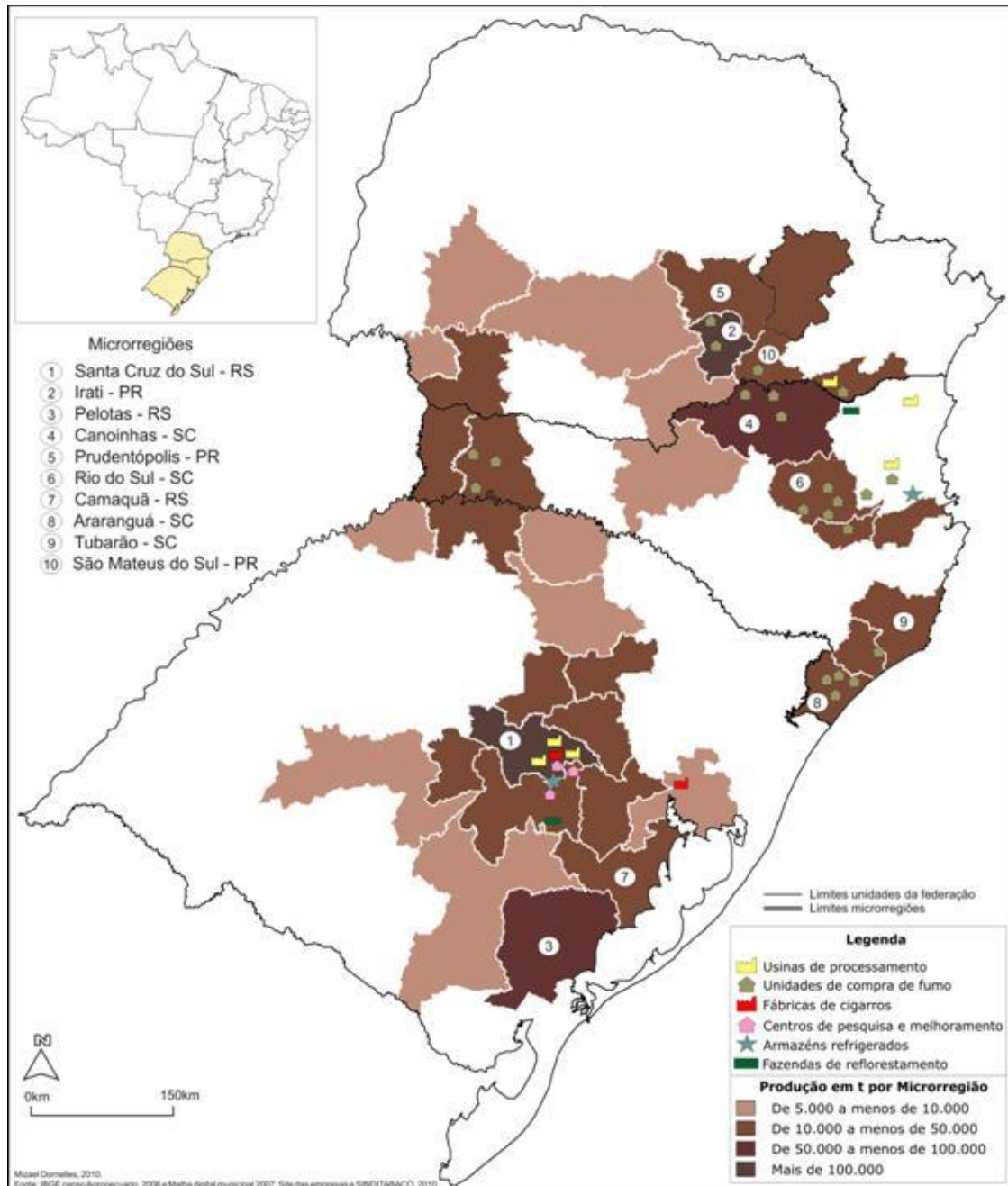
Como apresentado, é de longa data a tradição na produção do tabaco no Brasil. Alguns fatores internos como a abundante presença de mão de obra familiar, os solos e climas favoráveis contribuíram para o desenvolvimento dessa cultura. Fatores como a rentabilidade, a facilidade de obtenção dos insumos diretamente com as empresas, a existência de transporte e a certeza de comercialização fizeram com que o tabaco substituísse culturas tradicionais em várias áreas da região Sul.

Com a modernização da agricultura e a ampliação dos complexos agroindustriais na região Sul, a contribuição da tecnologia tornou-se favorável à produção, elevando os índices de produtividade e de qualidade do produto. Esses resultados só foram possíveis por meio dos investimentos contínuos no aperfeiçoamento das técnicas de produção e beneficiamento praticados, em boa parte, por agroindústrias multinacionais que passaram a investir mais para obterem maior lucro. Nesse sentido, o processo de modernização da agricultura brasileira, a ampliação dos complexos agroindustriais na região Sul e a contribuição da tecnologia, foram elementos que potencializaram a produção elevando os índices de produtividade e qualidade do tabaco.

Deser (2007, p. 24), “com base nos dados do Sindifumo/SP, destaca que um fator determinante para o investimento das agroindústrias no tabaco brasileiro é o baixo preço pago aos produtores comparado com outros países. No Brasil, o preço recebido pelo produtor é 4,5 vezes menor do que nos Estados Unidos; 7,5 vezes menor do que na Europa e 13,5 vezes menor do que no Japão”.

A década de 1990 foi marcada por grandes investimentos tecnológicos das corporações transnacionais, ampliando as agroindústrias e a fabricação de cigarro para atender a demanda mundial do tabaco. A figura 1 apresenta a localização das agroindústrias na região sul do país.

Figura 1 - Região Sul do Brasil: principais microrregiões produtoras de tabaco em folha e unidades de compra e processamento industrial – 2006



Fonte: Dornelles e Silveira (2010).

A microrregião de Prudentópolis, destacada no mapa acima, aparece como uma microrregião na qual estão ausentes as usinas de processamento. Entretanto, após

levantamento de dados foi verificado que a agroindústria Marasca, fundada em 1996 em Cerro Grande do Sul, é a principal compradora de tabaco no município. Porém, a filial presente no município possui a nomenclatura de Indústria Nacional do Tabaco (INT), sendo a mesma empresa Marasca, a qual propicia aos produtores um melhor acompanhamento da venda de sua produção, no entanto, boa parte da produção é comercializada diretamente com as empresas intermediárias que atuam no local, sendo elas: Bino Tabacos, Agricéres Ltda, Mlot Tabacos e Boa Vista Tabacos.

O Rio Grande do Sul é o estado que mais concentra as usinas de processamento do tabaco e as fábricas de cigarro, já os estados de Santa Catarina e Paraná, são responsáveis pelas diversas unidades instaladas de compra. Grande parte da produção vai para exportação e depende da demanda dos países consumidores, principalmente dos Estados Unidos, países europeus e asiáticos. Questões políticas e acordos internacionais influenciam o mercado; campanhas para a redução do consumo¹ também podem influenciar no tamanho das áreas de plantio. Se, por um lado, não há consumo massivo, não haverá produção em grande escala e, por consequência, a renda dos agricultores também poderá ser afetada. Sendo assim, os municípios que dependem dos produtores do tabaco também sofrerão cortes, pois deixarão de arrecadar impostos. Segundo Silveira (2012),

a produção agrícola, a comercialização, o processamento industrial, e a exportação do tabaco constituem-se nas principais etapas do funcionamento do complexo agroindustrial do tabaco. Tais etapas do processo de agroindustrialização do tabaco, principalmente a partir da década de 1960, têm sido realizadas sob o controle hegemônico e oligopolista de grandes conglomerados transnacionais que, através de suas subsidiárias instaladas na região, operam tanto no mercado nacional quanto no mercado internacional. Dentre as empresas multinacionais instaladas na região destacam-se a Companhia de Cigarros Souza Cruz (ligada ao grupo *British American Tobacco* de capital anglo-americano) e a *Phillip Morris Incorporated*, de capital suíço/americano, que atuam na produção e processamento de tabaco e na fabricação de cigarros, a Universal Leaf Tabacos (ligada ao grupo norte americano *Universal Leaf Tobacco*), e a Alliance One Brasil Exportadora de Tabacos Ltda. (ligada ao grupo norte americano *Alliance One Incorporated*), ambas de capital norte-americano atuando na produção e processamento de tabaco (SILVEIRA, 2012, p. 920).

As principais plantas de processamento das empresas de tabaco estão instaladas no Rio Grande do Sul, notadamente nas cidades de Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires e Vera Cruz, onde processam cerca de 80% da produção do tabaco do Sul brasileiro. O restante é

1 No caso do Brasil, depois de muito debate e questionamentos em torno do tema do tabagismo, a lei Antifumo foi sancionada pela presidente Dilma Rousseff em dezembro de 2011 e regulamentada em 2014. Conforme divulgação do Ministério da Saúde, na lei que entrou em vigor, fica proibido fumar em locais coletivos e fechados em todo o país, com exceção das tabacarias e dos cultos religiosos. A Lei Antifumo tem regras que prevê que as pessoas não poderão fumar em ambientes fechados públicos ou privados. As normas também valem para narguilés ou qualquer tipo de produto que contem substância do tabaco.

realizado nas usinas de processamento localizadas nos municípios catarinenses de Joinville, Blumenau e Rio Negro no Paraná (SILVEIRA, 2015, p.27).

A distância em relação às principais e maiores usinas de processamento instaladas no Rio Grande do Sul, levou as empresas a instalarem unidades de compra de tabaco próximas das áreas de produção, assim como em Santa Catarina e Paraná que posteriormente encaminham o tabaco para processamento nas usinas gaúchas².

Em 2006, a microrregião de Irati, no Paraná, assumiu a segunda posição do ranking estadual de produção. O município de Prudentópolis também ampliou sua produção no período de 1996 a 2006 em 252% fazendo parte da expansão da produção do tabaco no Paraná. Esse crescimento vem sendo gradativo devido ao resultado da relação de subordinação dos agricultores pelas empresas.

Os dados divulgados pela Associação dos Fumicultores do Brasil (AFUBRA) da safra 2015/2016 indicam que o município de Prudentópolis está em 16º no ranking dos maiores produtores de tabaco na região Sul, conforme tabela a seguir.

Tabela 02 - Os 30 municípios com maior produção de tabaco na região Sul.

	Municípios	Produtores	Produção (ton)
01	Canguçu (RS)	4.739	16.631
02	São Lourenço do Sul (RS)	3.462	14.433
03	Venâncio Aires (RS)	4.050	13.757
04	Canoinhas (SC)	2.773	11.279
05	Santa Cruz do Sul (RS)	3.611	10.888
06	Itaiópolis (SC)	2.414	10.715
07	Candelária (RS)	3.092	10.547
08	Camaquã (RS)	2.323	10.469
09	Vale do Sol (RS)	2.706	10.439
10	Rio Azul (PR)	2.660	10.013
11	Santa Terezinha (SC)	1.971	9.332
12	São Joao do Triunfo (PR)	2.216	9.041
13	Dom Feliciano (RS)	1.863	8.881
14	Irineópolis (SC)	2.079	8.242
15	Arroio do Tigre (RS)	2.404	7.309
16	Prudentópolis (PR)	1.720	6.963
17	Vera Cruz (RS)	2.004	6.817
18	Agudo (RS)	2.064	6.619
19	Ipiranga (PR)	1.758	6.295
20	Pelotas (RS)	1.649	6.272

² Na região Sul também estão localizadas as principais organizações políticas e sindicais dos produtores e das empresas. O Sindicato das Indústrias de Tabaco (SINDITABACO) e a Associação dos Fumicultores do Brasil (AFUBRA) possuem sede em Santa Cruz do Sul; a Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (FETRAF-SUL) tem sede em Chapecó/SC e o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), que também agrega os fumicultores, está presente nos principais municípios produtores de tabaco.

21	Sinimbu (RS)	1.956	6.045
22	Bela Vista do Toldo (SC)	1.588	5.850
23	Irati (PR)	1.498	5.717
24	Imbituva (PR)	1.985	5.640
25	Segredo (RS)	1.309	5.584
26	Boqueirão do Leão (RS)	1.231	5.431
27	Palmeira (PR)	1.216	5.406
28	Mafra (SC)	1.398	5.338
29	Papanduva (SC)	1.293	5.295
30	Chuívisca (RS)	1.220	4.944

Fonte: AFUBRA (03/03/2017).

Conforme dados da AFUBRA, o estado do Rio Grande do Sul possui 39.683 produtores e produziu uma quantidade de 145.147 toneladas na safra de 2015/2016, seguida pelo Estado de Santa Catarina com 13.516 produtores e 56.051 toneladas, e na 3ª posição aparece o Estado do Paraná que abrange um número de 12.253 produtores que produziram 40.075 toneladas de tabaco.

Assim, os três estados da região Sul, somente na safra de 2015/2016, somaram um total de 65.452 produtores integrados na cultura do tabaco, produzindo 241.273 toneladas do produto. Esses estados são compostos por municípios que apesar do avanço do sistema capitalista de produção, ainda dependem em boa parte da mão de obra familiar no campo. Esse é o caso do município de Prudentópolis, como apresentado a seguir.

2.2 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PRUDENTÓPOLIS

No Brasil, no final do século XIX, a densidade demográfica era insignificante em algumas regiões e a quantidade de terras devolutas era surpreendentemente grande, principalmente se comparada a padrões europeus. Conforme Klein (2000, p.15) “na Europa a terra era cara e a mão de obra barata. Na América, a terra era abundante e estava disponível. Entretanto, a mão de obra era escassa; portanto cara”. A própria imigração se torna negócio e traz vantagens a governos e a particulares que especulam com esse movimento.

A imigração é um investimento compensador: de um lado, o imigrante significa capital de trabalho; de outro, é portador de bens culturais que enriquecem a sociedade de adoção. Além disso, a sua mão de obra significou a implantação do regime de trabalho livre, propiciou transformações na estrutura agrária brasileira e democratizou o uso da terra, possibilitando o surgimento de uma classe média rural, bem como pelos grupos que se estabeleciam no novo país (BORUSZENKO, 1981, p.06).

Os imigrantes ucranianos chegaram à colônia de Prudentópolis a partir do ano de 1895. A diferença entre os primeiros imigrantes no Brasil e os primeiros imigrantes em Prudentópolis se deve ao fato da propaganda imigratória ter demorado a surtir o efeito desejado na Ucrânia, pois o medo do desconhecido e a falta de recursos dificultaram a travessia do Atlântico em busca de novas perspectivas. A princípio, apenas algumas famílias e pequenos grupos de indivíduos correram o risco de enfrentar a aventura. Essa situação foi facilitada a partir da certeza que o governo brasileiro garantiria passagens para o traslado (ANDREAZZA, 1999, p.50).

O processo imigratório seria a ponte entre a terra deixada para trás e o novo mundo que encontraram este criado e recriado de diferentes formas e por diferentes indivíduos. Seriam três mundos por muitas vezes distintos: o prometido, o sonhado e o encontrado. Essa relação definiria o papel do imigrante na chegada ao local de hospedagem, a dificuldade de comunicação e a necessidade de derrubada da mata para formação do roçado (ANDREAZZA, 1999, p.51).

O governo queria a permanência dos colonos na terra para que a cultivassem: “[...] pela Lei de Terras de 1850 o camponês só poderia tornar-se proprietário após três anos de trabalho no lote” (SANTOS, 2001, p.75). Essa lei favorecia a imigração e estimulava a posse de terras em favor dos imigrantes dificultando seu acesso aos brasileiros pobres.

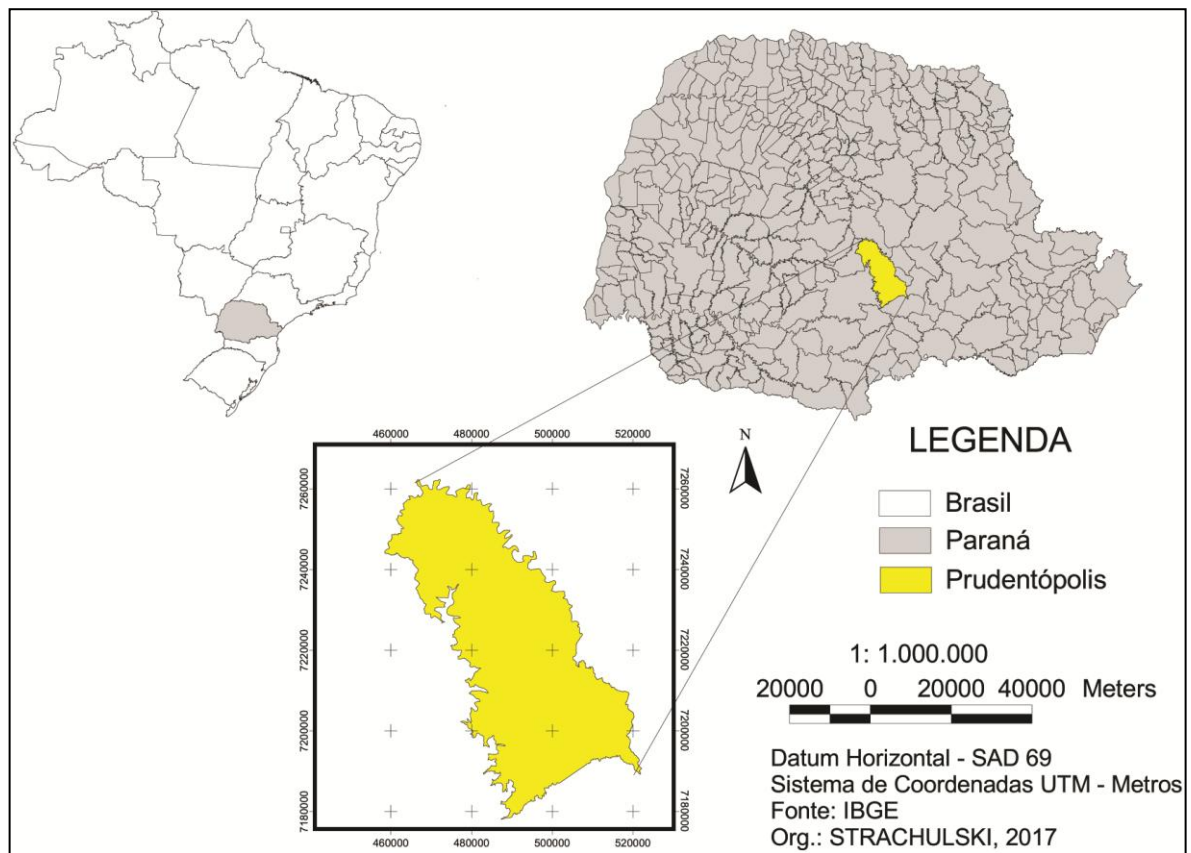
“As autoridades alimentavam a esperança de que a estrutura da agricultura paranaense fosse modificada pelos imigrantes europeus, portadores de tradições e técnicas avançadas. Os colonos europeus teriam a missão de compensar o atraso e as técnicas elementares utilizadas pelo elemento local, ou seja, o caboclo” (CHANG, 1985, p. 340).

Em pouco tempo, o povoado de Prudentópolis foi crescendo e se desenvolvendo, principalmente com a chegada de famílias de imigrantes, em sua grande maioria ucranianos. No ano 1896 foi registrada a entrada de 1.500 famílias, totalizando aproximadamente oito mil pessoas. A imigração continuou crescendo até os anos de 1920 e foi decaindo ao longo do tempo. Assim, Prudentópolis tornou-se o município brasileiro que mais recebeu ucranianos.

Nesse processo de colonização, destaca-se também a vinda de outros imigrantes ao município, como poloneses, alemães e italianos. Esses novos habitantes dedicaram-se à agricultura, pecuária e às pequenas indústrias. Esse processo de povoamento e desenvolvimento resultou na fundação oficial de Prudentópolis, através da lei estadual nº 615 de 5 de março de 1906, com seu território desmembrado do município de Guarapuava no dia 12 de agosto do mesmo ano.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – (IBGE, 2010), 22.463 habitantes do município residiam na área urbana e 26.329 na área rural. Dados estimados de 2017 apontam que o município possui 52.125 mil habitantes. Prudentópolis ocupa uma área de aproximadamente 2.308 km², o terceiro maior município do estado, a sede localiza-se ao lado da BR-373, entre os municípios de Ponta Grossa e Guarapuava, com acesso também pela BR-277 ao sul do município.

Figura 02 - Mapa com a localização do município de Prudentópolis no estado do Paraná.



Prudentópolis é atualmente o município com maior população descendente de ucranianos no Brasil, sendo que 80% da população do município possui essa ascendência. A população mantém viva sua tradição e cultura, que se manifesta por meio da religião, gastronomia, cultura e artesanato. Existe no município um grupo de dança folclórica chamada Vesselka, que realiza apresentações em diferentes países; o Museu do Milênio que preserva a historicidade do município, através de fotos e objetos desde a chegada dos imigrantes; as associações de artesanatos de pêsankas (ovos pintados) e de bordados típicos ucranianos. As pêsankas e os bordados são consagrados como artesanato típico no sul do país, mantém a tradição e geram renda para a população prudentopolitana.

O grande marco está na religiosidade, a Igreja Ucrâniana Católica está presente no local desde a década de 1896, sendo a maior organização comunitária religiosa e cultural entre os ucranianos e seus descendentes. Na área urbana e em todas as comunidades do interior foram construídas igrejas a fim de preservar a tradição e a religiosidade do rito ucraino-católico, na qual são presididas as divinas liturgias na língua ucraniana.

O município também ficou conhecido como a “Terra das Cachoeiras Gigantes”. O turismo encontrado nessa região atrai visitantes de vários lugares, nesse território encontra-se um grande potencial para o desenvolvimento econômico, pois existem diversas áreas de lazer naturais, mais de 100 cachoeiras foram identificadas nos 2.275 km² que compõem o município de Prudentópolis.

A imigração teve um papel fundamental no município de Prudentópolis, na caracterização cultural, social e econômica, porém esse processo de adaptação foi longo devido aos elementos do meio biofísico e sociocultural.

2.3 A INSERÇÃO DO TABACO NO MUNICÍPIO DE PRUDENTÓPOLIS

A economia de Prudentópolis está voltada ao setor de serviços, com destaque para atividade turística, a agropecuária e a indústria, destacando-se a produção madeireira, metalúrgica, e as culturas de soja, feijão e fumo.

Desde a década de 1970 a produção do tabaco vem se destacando como uma atividade importante na geração de renda familiar. As empresas tabagistas tiveram um papel importante na região de Prudentópolis, devido a competitividade do setor, elas enviavam representantes até as famílias para oferecer propostas para cultivarem o tabaco. Assim, os agricultores passaram a cultivar cada vez mais essa planta. No início, a atividade era muito dependente do trabalho manual, resultando em pequenas quantidades de tabaco produzido.

Segundo dados do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES, 2010), após análise agropecuária em 2015, nota-se que os 3 principais produtos agrícolas no município são o feijão, a soja e o fumo. Os dados divulgados pelo (IBGE, 2015), apontam que no município de Prudentópolis a produção agrícola voltada para o tabaco atingiu 11.049 toneladas do produto.

O cultivo de tabaco é uma atividade agrícola que vem aumentando anualmente entre os agricultores familiares do município. A comunidade de Linha Piquirí segue essa mesma lógica onde, cada vez mais, o cultivo do tabaco ganha espaço. Entretanto, os produtores não deixaram de cultivar produtos tradicionais, como o feijão, a soja e o milho. Com estes cultivos

realizados na entressafra do tabaco os agricultores aumentam a renda familiar. Muitos são os fatores que levaram as famílias à trabalharem no cultivo do tabaco no município de Prudentópolis, um deles é a possibilidade de desenvolver a produção em pequenas áreas de terra.

O tabaco contribui para a permanência dos agricultores no campo, contando com o trabalho manual e familiar dos indivíduos, essa cultura exige muito esforço, dedicação e paciência, pois desde o início da produção até o final da comercialização são praticamente oito meses dedicados ao tabaco. Desde a preparação do solo, semeadura da planta nos canteiros, plantação, período de crescimento e manejo da lavoura, colheita das folhas maduras semanalmente e o processo de secagem nas estufas elétricas. Essas etapas de preparação levam cerca de oito meses de cuidados diários; o restante dos meses é usado pelos agricultores para a classificação do produto e negociação com as empresas compradoras. Nesse período, o agricultor trabalha de forma menos intensa comparada com as épocas de plantio e colheita.

O município de Prudentópolis, na produção do tabaco, pertence ao núcleo regional de Irati, o qual ocupa o quinto lugar no ranking estadual na produção de tabacos claros. Na safra de 2012/2013 o município foi responsável por 10.192 toneladas de tabaco e contou com a mão de obra familiar de aproximadamente 1.813 famílias. Porém, a região norte do município não cultiva o tabaco, devido às características do clima e topografia que não proporcionam o plantio, o índice de desenvolvimento da planta é muito inferior comparado com a parte central e sul do município.

Os agricultores camponeses do município analisam vários fatores, entre eles mão de obra familiar disponível, terra, maquinários, técnicas de plantio, valor investido na produção e renda por atividade. Sendo assim, o agricultor escolhe a atividade que melhor se adéqua à sua realidade.

O tabaco vem se destacando pelos fatores descritos acima, já que é mais eficiente quando comparado às outras culturas que utilizam muita mecanização. Segundo dados divulgados pelo IBGE (2015), as culturas que mais se destacam no município, conforme a tabelas abaixo são: feijão, milho, soja e tabaco.

Tabela 03 - Área colhida, produção, rendimento médio, e valor de produção agrícola, pelo tipo de cultura temporária - 2015.

Cultura temporária	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (kg/ha)	Valor (R\$1.000,00)
Feijão	27.000	39.400	1.459	68.970
Milho	12.600	11.400	905	4.122
Soja	29.300	85.260	2.910	84.471
Tabaco	4.350	11.049	2.540	73.670
Trigo	8.100	23.490	2.900	15.683
Arroz	415	955	2.301	746

Fonte: IBGE-produção agrícola municipal 2015 acessado em 06/06/2017

Ao analisarmos a tabela acima, percebe-se que o plantio da soja é o mais rentável sendo seguido pelo tabaco; mas se analisarmos a área plantada e a produção em toneladas, o tabaco se torna mais rentável em comparação com as demais culturas. A partir dos dados pode-se apontar que a permanência das famílias na produção de tabaco deve-se, à rentabilidade do produto.

3 AGRICULTURA CAMPONESA E A INTEGRAÇÃO SUBORDINADA

O campo brasileiro é constituído por diferentes formas de reprodução do campesinato no sistema capitalista. Desta forma, esse processo necessita ser entendido a partir das contradições existentes no capitalismo. As forças produtivas se manifestam de forma desigual e, ao mesmo tempo, contraditória, pois em determinadas situações é mais vantajoso ao capital monopolizar o território em vez de se territorializar (OLIVEIRA, 1987, p. 2001). Assim, o capital subordina a circulação, subjugando o camponês e o mantendo dependente do sistema.

Nessa lógica, entende-se que essa reprodução pode ser capitalista ou camponesa; na capitalista, a relação social produz uma territorialidade se utilizando do território, mas há também as relações de subordinação dos camponeses, pois suas técnicas de produção são determinadas pelo agronegócio, sendo assim uma territorialidade subordina outra territorialidade. É o caso dos camponeses³ que produzem tabaco na comunidade pesquisada.

3.1 A SUBORDINAÇÃO E A RESISTÊNCIA DO CAMPESINATO

O desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro adquire variadas feições, sendo que em algumas áreas a ampliação de capital ocorre mais rapidamente do que em outras. No que se refere à expansão do capital sobre as formas familiares de produção na agricultura, pode-se considerar que ela ocorre basicamente de duas formas,

[...] por um lado, mediante a expropriação do produtor direto e a conseqüente penetração de relações capitalistas de produção na agricultura, por outro lado, o movimento da acumulação desenvolve-se através da dominação do capital sobre processos de trabalho não capitalistas, resultando na reprodução subordinada do campesinato (SILVA, 1978, p. 02).

Santos (1980) também detalha as transformações ocasionadas pelo avanço do capital no campo, sobretudo para os camponeses. Para o autor,

[...] o capital impõe suas determinações ao processo de trabalho camponês: converte a terra em equivalente de mercadoria, coagindo o camponês a comprá-la para se tornar proprietário privado da terra; transforma as regiões camponesas em viveiros de força de trabalho para os setores agrícola e urbano-industrial das zonas de

³ A produção camponesa, de acordo com Oliveira (2001, p. 55-64), caracteriza-se pelos seguintes elementos: a centralidade da força de trabalho familiar; a combinação de diferentes relações de trabalho, como o trabalho assalariado, ajuda mútua, mutirão e a parceria; a existência do trabalho acessório; a existência eventual de força de trabalho assalariada na unidade camponesa; a socialização pelo trabalho; a propriedade da terra e dos meios de produção e a flexibilidade da jornada de trabalho.

ocupações antigas e recentes; leva os camponeses a produzir alimentos e matérias primas para o setor urbano-industrial, estabelecendo a produção de valor de troca, provoca a extensão da jornada de trabalho da família camponesa; efetua o controle parcial do processo produtivo camponês; induz a dependência ao capital financeiro que viabiliza a reposição dos meios de produção; efetiva, mediante relações de troca desiguais, a exploração do valor gerado pelo camponês, e, finalmente, produz a pauperização relativa das famílias camponesas (SANTOS, 1980, p.180).

Nessa lógica, o capitalismo é responsável por direcionar os processos de trabalho do camponês. Ao acessar o mercado, o agricultor passa a integrar o processo de produção e circulação de mercadorias, já que coloca os produtos por ele produzidos em circulação e acaba adquirindo outros que são necessários para viabilizar a produção na sua propriedade.

Diante desse processo de produção camponesa, entende-se a importância das relações que esses camponeses estabelecem com o mercado, ou seja, ele faz uso da troca de produtos pelos valores determinados pelo sistema capitalista, sendo assim, dependendo do produto cultivado uma parte é reservada para o consumo e outra parte do excedente da sua produção é destinada para a venda.

Tendo como categoria básica a propriedade, Wanderley (2009, p. 100) complementa que “[...] os territórios de camponeses que seriam supostamente livres das marcas da exploração dos senhores feudais, na passagem do feudalismo para o capitalismo, passam a sofrer as violências da propriedade privada e da acumulação do capital”.

Ou seja, a partir de então, a direção que a agricultura e, conseqüentemente, o campesinato tomou, foi uma dependência das leis capitalistas de produção, mesmo o camponês sendo dono da terra e dos meios de produção, ele, em muitas situações, está subordinado ao modelo econômico, que se apropria da renda da terra. Wanderley (2009) acrescenta que:

[...] devemos pressupor que o campesinato no Brasil é reproduzido pelo capital por causa do espaço estreito que ele oferece para as estratégias dos camponeses. Essa é a condição camponesa, condição de sua autonomia e liberdade [...]. O capitalismo no Brasil se reproduziu pelos latifúndios, pela organização da produção em monoculturas, com trabalho escravo e para o mercado externo. O Estado teve (e tem) papel preponderante na reprodução desse modelo e, em seu interior, o campesinato é forçado a lutar para não desaparecer. Dificilmente temos camponeses “puros”, ou seja, livres de qualquer influência do Estado e do mercado, que vivem alheios a sua existência e que não sofrem suas interferências geração após geração. (WANDERLEY, 2009, p.100).

A produção familiar não se estrutura a partir da acumulação de capital, mesmo fazendo parte do sistema capitalista. Entretanto, ao se integrar às (agro) indústrias acaba

contribuindo para que esse processo ocorra. No caso do sul do Brasil, a produção de suínos, aves e do tabaco são exemplos dessa integração.

A produção do tabaco do município de Prudentópolis ocorre a partir da relação de integração dos agricultores. Nesse sistema, os produtores de tabaco, por meio de contrato firmado com as empresas compradoras, comprometem-se a produzir determinada quantidade de produto seguindo as exigências técnicas e a entregar totalmente sua produção para a mesma; em troca, ganham garantias de fornecimento de insumos em suas propriedades e assistência técnica. As empresas ficam com a responsabilidade de comprar todo o tabaco e de transportá-lo até o local de compra.

No momento da comercialização do tabaco ocorre o controle unilateral, no qual as empresas definem as classes do produto entregues pelos produtores, permitindo alta lucratividade sobre o produto. Essa etapa da comercialização do tabaco revela de forma clara a subordinação dos fumicultores, uma vez que as empresas decidem de acordo com seus interesses, fazem análises das folhas do tabaco com muita rigorosidade e mantém os agricultores dependentes por meio dos financiamentos realizados durante a safra⁴.

Paulino (2006, p.106) explica que o sistema capitalista manipula e cria seus próprios valores sobre os produtos,

[...] em um contexto na qual os camponeses da cadeia reprodutiva são gerenciados pelos capitalistas, de modo a assegurar a acumulação do capital, claro está que o elemento primordial é o trabalho vivo, já classificado por Marx de capital variável, em virtude de sua qualidade singular de criar valor (PAULINO, 2006, p.106).

Logo, entende-se que os camponeses sempre estiveram dependentes dessa cadeia produtiva, que são administradas pela classe capitalista. O camponês entra com a mão de obra familiar e todo o processo de produção, porém quem realmente detém o produto final são os capitalistas que comercializam dependendo da oferta de procura e, assim, acumulam capital. Como o camponês necessita vender sua produção, acaba sendo manipulado pelo sistema ao qual está integrado.

A classe camponesa possui mecanismos que a diferencia das outras classes. Os camponeses produzem enquanto classe trabalhadora, todavia necessitam do sistema capitalista para vender sua produção. De acordo com Paulino (2006),

⁴ De acordo com a Instrução Normativa 10/2007, o tabaco em folha curado será classificado em grupos, subgrupos, classes, subclasses, tipos e subtipos, segundo o seu preparo, sua apresentação e arrumação, sua posição nas plantas, cor das folhas e sua qualidade, respectivamente. Sendo elas: TO1, TO2, TO3, TR1, TR2, TR3, TL1, TL2, TK, B01, B02, B03, BR1, BR2, BR3, BL1, BL2, BK, C01, C02, C03, CR1, CR2, CR3, CL1, CL2, CK, X01, X02, X03, XR1, XR2, XR3, XL1, XL2, XK, G2, G3, N, SC, ST.

A classe camponesa controla, ao mesmo tempo, a força de trabalho e os meios de produção, o que a diferencia das demais classes. Em face dessa especificidade, o campesinato integra o sistema de trocas mercantis por intermédio da venda da sua produção e não do seu trabalho, como fazem os assalariados. Em outras palavras, o que os camponeses vendem, no capitalismo, é o produto no qual está contido o trabalho da família, uma distinção essencial em relação aos demais trabalhadores, que tem para vender unicamente a mercadoria força de trabalho (PAULINO, 2006, p.108).

Por meio deste processo entende-se que o camponês se torna dependente do sistema capitalista ao vender o seu produto no mercado. A produção do tabaco segue a mesma lógica, já que depende totalmente da mão de obra familiar e o agricultor depende exclusivamente das empresas para venderem seus produtos.

Após a venda do produto final se obtém a renda, ou seja, a sobra da venda da mercadoria. Para o camponês essa renda será utilizada para suprir as necessidades humanas de sobrevivência. De acordo com Marx (1974),

Toda renda fundiária é mais-valia, produto do trabalho excedente. Na forma menos desenvolvida, é diretamente produto excedente a renda natural. Mas, no modo capitalista de produção a renda fundiária é sempre sobra acima do lucro, acima da fração do valor das mercadorias, a qual por sua vez consiste em mais-valia (trabalho excedente). Por isso, era-se quando então se procura explicar a renda fundiária, aí componente particular e específico da mais-valia recorrendo simplesmente as condições gerais da mais-valia e do lucro (MARX, et al, 1974, p. 728 *apud* PAULINO 2006).

Segundo o autor é complexo explicar a renda fundiária dos capitalistas, pois as mercadorias vendidas por eles sempre geram excedentes, e geralmente são sobras muito acima da margem comparada com a dos camponeses que vendem sua produção a fim de suprir as necessidades básicas dentro do sistema capitalista, e não para gerar mais valia.

Na comunidade pesquisada, através do levantamento de dados, ficou constatado que o agricultor cultiva o tabaco a fim de gerar renda para a manutenção da família e da unidade produtiva durante o ano todo. A mão de obra sendo totalmente familiar contribui diariamente no processo de desenvolvimento da produção, principalmente nos períodos que demandam maior cuidado com a lavoura do tabaco: O plantio e a colheita. Ainda de acordo com Paulino (2006),

A renda da terra é gerada pelo trabalho familiar e está contida nos produtos que os camponeses colocam no mercado. Vimos que interessa aos capitalistas, nos casos em que tais produtos se constituem matéria-prima para a indústria, ou simplesmente ao intermediarem a relação entre produtor e consumidor final se apropriar da renda da terra. Em outras palavras, sabendo-se que apenas o trabalho é capaz de criar valor, os capitalistas dele se apropriam, ao comparar a produção camponesa a um preço inferior ao valor trabalho nela contido (PAULINO, 2006, p. 110).

Assim, a produção do tabaco incorpora exatamente o que o sistema capitalista necessita para a sua reprodução, pois é através da mão de obra familiar que a produção vai

para o mercado, sendo transformada em mercadoria. No entanto, o produtor vende a um preço muito inferior para as indústrias de processamento. Ficando visível a subordinação do produtor, os capitalistas se apropriam do produto, agregam valor no mesmo, e, por fim, transformam o tabaco juntamente com outras substâncias em carteiras de cigarro e outros derivados, que vão parar em comércios locais com um valor muito superior ao recebido pelo camponês que produziu a matéria-prima.

Nessa acepção destaca-se a mesma lógica na produção do tabaco na comunidade, pois na concepção de Martins (1995),

Na medida em que o produtor preserva a propriedade da terra e nela trabalha sem o recurso do trabalho assalariado, utilizando unicamente o seu trabalho e da família, ao mesmo tempo cresce a sua dependência em relação ao capital, estamos diante da sujeição da renda da terra ao capital” (MARTINS, 1995, p. 175).

Percebe-se que o mesmo ocorre com a produção do tabaco, os agricultores utilizam mão de obra familiar e ajuda mútua dos vizinhos no momento do plantio e da colheita, porém se torna dependente do sistema capitalista, pois o mesmo necessita vender sua produção para as empresas compradoras.

Além da cultura do tabaco, muitos outros cultivares são plantados na comunidade, contribuindo na diversificação da produção e geração de renda, além disso conservam uma qualidade de vida menos dependente do comércio, pois cada família produz alimentos orgânicos e convencionais em suas propriedades para consumo próprio. Diante desse relato, Paulino (2006), enfatiza que,

A diversificação da produção é uma maneira de se proteger das formas predatórias de extração de renda, perpetradas por diferentes agentes do capital. Assim, quanto maior for a variedade de cultivos, criações e demais atividades afeitas, menor a vulnerabilidade e maior a possibilidade de os camponeses se apropriarem da renda gerada internamente, combinado a isso, um caminho possível de apropriação máxima da renda se define pela eliminação dos intermediários na comercialização da produção (PAULINO, 2006, p. 112).

É de suma relevância a citação da autora, que faz menção à importância da diversificação da propriedade contra a hegemonia que o capitalismo impõe. Diante desse contexto, é relevante afirmar que mesmo o produtor se esquivando do capitalismo exacerbado, ele faz parte do mesmo e necessita manter relações de uso e troca de mercadorias. No entanto, pode diminuir seu consumo no comércio, substituindo por sua própria produção familiar.

A cultura de integração do tabaco pelos agricultores na Linha Piquirí ocorre pela relação que os mesmos estabelecem com as agroindústrias tabagistas que atuam no município de Prudentópolis.

3.2 AS EMPRESAS TABAGISTAS QUE ATUAM NO MUNICÍPIO PRUDENTÓPOLIS

A agroindustrialização do tabaco no município de Prudentópolis é viabilizada e regulada pelo sistema integrado de produção. Nesse sistema, os produtores de tabaco, por meio de contrato firmado com as empresas agroindustriais, comprometem-se em produzir o tabaco na quantidade e de acordo com as instruções técnicas de qualidade definidas pelas empresas e a repassar a elas integralmente sua produção. Em troca, há a garantia do fornecimento de insumos, de assistência técnica, da intermediação de financiamento junto aos bancos, do transporte do tabaco das propriedades rurais até as usinas ou postos de compra das empresas e da compra integral do tabaco.

Na comunidade de Linha Piquirí atuam diversas empresas tabagistas que compram a produção dos agricultores. A partir dos relatos das famílias foi possível identificar cinco empresas. A seguir será dissertado acerca de cada uma delas, destacando seu histórico e atuação no mercado do tabaco.

A agroindústria Universal Leaf Tabacos foi fundada em 1918 e tem sua sede nos Estados Unidos. No Brasil, sua matriz encontra-se no município de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul. Essa empresa emprega no setor tabagista mais de 24 mil trabalhadores, seus negócios encontram-se em mais de 30 países, não possui fábricas de cigarros e derivados, somente vende o tabaco processado (UNIVERSAL LEAF TABACOS, 2017). Na Linha Piquiri poucos produtores possuem cadastro com essa empresa. Segundo os relatos, isto ocorre devido à distância do município em relação à indústria processadora, ao ser transportado para o Rio Grande do Sul o produto sofre desgaste e perde qualidade. Isso fez com que os produtores trocassem de empresas para aquelas que possuíssem filiais mais próximas do município.

Outra empresa compradora é a Continental de Tabacos Ltda. (CTA), fundada em Venâncio Aires, no Rio Grande do Sul em meados de 1994. A empresa investiu no setor a fim de receber aproximadamente 120 milhões de quilos de tabaco por safra. Possui uma infraestrutura com 140 mil metros quadrados construídos. Para atender a demanda do tabaco, a empresa tem suas filiais no estado de Santa Catarina (municípios de Araranguá, Ituporanga e Papanduva) e Paraná (em Irati). Seu sistema integra mais de 14 mil produtores cadastrados

(CTA, 2017). A empresa exporta cerca de 97% de sua produção para o mercado externo, para mais de 50 países que abrangem os mercados Norte Americano, Comum Europeu, Leste Europeu, África, Oriente Médio e América Latina (CTA 2017). Considerando que uma das filiais tem sede no município de Irati, os produtores cadastrados da comunidade realizam o acompanhamento da venda, após ser recolhido o produto. Considerando a proximidade do município de Irati em relação à Prudentópolis, os agricultores tendem a preferir esta empresa, já que o transporte rápido diminui as chances de perda de qualidade do produto. Segundo o Entrevistado 01 (2017)

“Nós plantamos tabaco por 5 anos, mas não vendíamos tão bem para Souza Cruz, além de ser muito longe para ir acompanhar a venda, tinha o desgaste dos fardos pois carregava num dia e ia mais de uma semana para chegar, e chegavam bem diferentes de como saiam de casa, fui só duas vezes vender tabaco até Blumenau, daí “larguei mão” e acabei trocando de firma, achei que não era vantajoso vender para uma empresa tão distante” (ENTREVISTADO 01, 2017).

Outra empresa que possui uma trajetória centenária é a Souza Cruz, ela foi pioneira no setor tabagista, fundada por Albino Souza Cruz, em 1903. No ano de 1914 a fábrica foi transformada em sociedade anônima, através da Souza Cruz e por volta de 1920 foi introduzido o tabaco do tipo Virgínia⁵⁾ no Sul do Brasil. Foi pioneira também no programa de assistência e orientação ao produtor rural, que permanece ativo até o presente momento. A inauguração da usina de Santa Cruz do Sul (RS) ocorreu em 1996, sendo a maior usina da corporação e a mais moderna do mundo. Sua capacidade de processamento é de cerca de 120 mil toneladas de tabaco por ano (SOUZA CRUZ, 2017).

A Souza Cruz, mesmo sendo a pioneira no setor tabagista, apresenta um baixíssimo número de produtores cadastrados na comunidade pesquisada. Aqueles que permaneceram nessa empresa relatam elementos positivos, como a confiança na empresa e o preço satisfatório na venda. O Entrevistado 05 afirma que,

“a vantagem de vender o tabaco para a Souza Cruz é que você trabalha com uma empresa séria, o pagamento nunca atrasa. Quando recebe a nota você sabe que naquele dia seu dinheiro vai estar no banco, na tua conta, e só produtor precisar do dinheiro ele vai estar lá, na maioria das vezes o dinheiro nunca passou, deu 5 dias para cair na conta do produtor, eu digo que a firma valoriza mais o produtor na hora da venda que as demais” (ENTREVISTADO 05, 2017).

⁵Os tabacos do tipo Virgínia são os mais cultivados mundialmente, é o principal componente dos cigarros e também são misturados em pequena escala com outros tabacos para cachimbos e de mascar. Depois de curadas, as folhas apresentam predominantemente as cores laranja e amarela. O tabaco Virgínia oferece alto potencial de produtividade e qualidade, esse tipo de tabaco é resistente às doenças mais comuns da cultura do tabaco, proporcionando segurança e bons rendimentos aos produtores e a indústria. (PROFIGEN, 2017)

A Empresa Aliance One é uma das mais recentes no mercado, foi criada em 2015 no Rio Grande do Sul por meio da união entre a Dimon Incorporated e a Meridional Tabacos. A empresa atua em mais de 370 municípios e conta com mais de 21 mil produtores cadastrados, gerando mais de 3,5 mil empregos diretos. Na comunidade da Linha Piquirí poucos produtores possuem cadastro nesta empresa.

A empresa que mais se destaca na comunidade e possui um número significativo de produtores cadastrados é a empresa Marasca, fundada em 1996 no Rio Grande do Sul. Com o fim de fornecer confiança aos fabricantes de cigarros e tabacos em folha, a empresa investiu R\$ 15,3 milhões, sendo 9,2 milhões de empréstimos do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) (MARASCA, 2017). No município de Prudentópolis, desde a instalação dessa empresa, houve uma grande procura por cadastramento de produtores e venda de produção, devido à agroindústria possuir filial no município. Os agricultores relatam que possuem mais liberdade de negociação e liberdade de sanar qualquer dúvida referente à safra, pois o corpo técnico está mais presente, acompanhando qualquer eventualidade que possa surgir na lavoura.

Na comunidade pesquisada, a única companhia compradora do tabaco orgânico é Organik Soul Tabacos, que possui sua sede no Rio Grande do Sul. De acordo com informações do site da empresa, ela surge com intuito de estimular os agricultores a adotarem práticas de menor risco à natureza, protegendo o meio ambiente, produzindo de forma orgânica e valorizando os agricultores da região (ORGANIK SOUL TABACOS, 2017).

Além das empresas descritas acima, há muitos atravessadores no município, chamados de “picaretas”. O produtor, ao mesmo tempo em que tem contrato de venda com firmas cadastradas, possui liberdade de escolher a melhor forma da venda de seu produto, principalmente quando a quantidade produzida excede aquela do contrato.

A seguir, apresentamos uma figura mostrando o ciclo de venda do tabaco.

Figura 03 - Ciclo de venda do tabaco



Fonte: da autora, 2017.

Diante desse processo, entende-se que a comercialização do tabaco é o fator que define a rentabilidade durante a safra para os produtores, Silveira (2012) afirma que,

No atual processo de comercialização do tabaco tem-se a recorrente e a crescente participação de atravessadores ou intermediários na compra e venda do tabaco, que atuam periféricamente ao sistema integrado de produção, complexificando as relações de cooperação para a circulação do tabaco. Embora a presença de intermediários na comercialização do tabaco já ocorra desde a introdução da cultura do tabaco na região, a atuação desses agentes vem se intensificando e ganhando mais destaque no período recente (SILVEIRA, 2012, s/p).

Vale ressaltar que no município de Prudentópolis antes mesmo de instalações das empresas de comercialização do tabaco, a ação dos intermediários (picaretas) já era constante e desde então só foi crescendo.

O intermediário, em muitas ocasiões, é um ex-produtor ou assistente técnico de alguma empresa tabaqueira, uma vez que possui laços e relações com o agricultor e acaba atuando no comércio do tabaco. Não obstante, em específico no município de Prudentópolis, são produtores de tabaco que possuem recursos disponíveis e investem na compra do tabaco. Assim, o intermediário cria possibilidade de obter ganhos adicionais através da prática de compra e venda de tabaco a preços diferenciados entre o produtor e a indústria, garantindo ao agricultor o recebimento do pagamento no momento da venda.

A facilidade que os produtores encontram na relação com os intermediários a torna vantajosa. De acordo com o Entrevistado 02,

“ Não temos vantagem de vender para as empresas, muitas vezes a gente se obriga por causa da dívida que faz durante a safra, a desvantagem é que o preço quando a gente manda a produção, vem o valor depois, a gente nem sempre acompanha a venda devido à empresa ser em outros municípios. Já para os “picaretas”, na minha opinião, eles pagam melhor pois fazem a classe na propriedade e nas empresas não adianta muito pois o produto já está lá aí eles pagam e você fica quieto, para os “picaretas” se eles pagarem bem eles levam, se não, você não vende a produção. Não vejo desvantagens de vender para o picareta” (ENTREVISTADO 02, 2017).

De modo geral, os agricultores possuem contrato anual de compra e venda com as empresas compradoras, mas existem também as grandes empresas que realizam contratos de longo prazo, de 3 a 5 anos, renovados automaticamente se não houver renúncia de uma das partes. No caso de o produtor não cumprir com o contrato, há empresas que cobram 5% do valor da estimativa baseado no quilo do tabaco categoria TO2.

Segundo o orientador entrevistado⁶, as empresas normalmente não executam esses contratos, entretanto, algumas analisam o total em quilos que o fumicultor deveria entregar. Nesse caso, são analisados os motivos para a meta não ser atingida. Dependendo da causa do problema, a empresa pode refinanciar a dívida com juros de 12% ao ano ou então caracterizar o agricultor como inadimplente.

A imagem abaixo foi tirada dentro de uma unidade compradora no município de Prudentópolis e registra o momento da comercialização do produto final quando o tabaco estava sendo carregado no caminhão para ser transportado até as indústrias de processamento no estado do Rio Grande do Sul.

⁶ Funcionário da empresa tabagista que atua diretamente com o agricultor fornecendo a assessoria técnica na produção e na comercialização do produto.

Figura 04 – Carregamento do tabaco em unidade compradora na Indústria Nacional do Tabaco (INT), no município de Prudentópolis.



Fonte: da autora, março de 2017.

Posteriormente à entrega da produção na unidade de comercialização é descontado o valor referente à compra dos insumos nas propriedades. A taxa de juros utilizada pelas empresas normalmente tem como base o crédito rural, que é fixado pelo Banco Central e possui valor aproximado de 8,75 % ao ano.

O tabaco é uma cultura complexa em questão de manuseio, segundo o orientador entrevistado 02, o tabaco sai da unidade de comercialização, vai para as unidades de processamento, então será blendeado (processado) com vários tipos de tabaco que dão origem ao cigarro, estando presentes os seguintes aditivos: o Burlei, corantes, agentes de sabor, dentre outros. Como o processo do tabaco é muito complexo, ele não é exportado de forma cru, necessitando ser processado, “blendeado”, método a partir do qual o tabaco se torna apto para a fabricação do cigarro.

Segundo o orientador entrevistado, as empresas do setor tabagista, as cigarreiras como são chamadas, como a Souza Cruz, Japan Tobacco International (JTI), British American Tobacco (BAT) e Philip Morris International possuem fábricas instaladas no Brasil, porém grande parte do tabaco é exportada.

Ao mesmo tempo em que os agricultores possuem aparentemente benefícios (como o transporte do produto até as unidades de comercialização), as empresas não assumem qualquer risco da má formação do tabaco, mas podem, no caso de uma frustração da safra causada por doenças ou problemas climáticos, fazer uma renegociação do débito do produtor.

Porém, a empresa não realiza nenhum tipo de melhoria na qualidade do produto, havendo problemas nesse sentido, ela pode disponibilizar o corpo técnico para eventuais consultas e tentar evitar que o problema persista futuramente. O débito gerado naquela safra em função da baixa qualidade do produto permanece ativo.

Os camponeses enfrentam muitas dificuldades na produção do tabaco, mas as empresas fazem com que eles paguem integralmente suas dívidas mesmo sem obter o lucro esperado com a venda do produto. Um sistema que gera muito capital para as empresas e pouco retorno ao camponês que tem sua vida marcada pela exploração das grandes agroindústrias.

A seguir será apresentado de forma mais específica como ocorre a produção do tabaco no interior das unidades produtivas.

4 A ORGANIZAÇÃO E AS CARACTERÍSTICAS DOS AGRICULTORES DA LINHA PIQUIRI, PRUDENTÓPOLIS/PR.

A produção do tabaco na Linha Piquiri ocorre de acordo com as características econômicas e sociais individuais de cada família, sendo que das 120 famílias que residem na comunidade aproximadamente 85 são produtoras de tabaco químico e 05 produzem o tabaco orgânico, as 30 famílias restantes vivem da produção de soja e plantios de feijão. Além do tabaco, outras culturas também são fonte de renda para a comunidade, dentre elas o feijão, a soja e o milho. Essas famílias são proprietárias da terra e a mão de obra familiar permanece em todas as etapas da produção.

A Figura 05 retrata diferentes momentos de desenvolvimento da planta do tabaco, também destaca a utilização de mão de obra feminina, que possui grande relevância na comunidade pesquisada.

Figura 05 – Estágios de desenvolvimento da planta do tabaco.



Fonte: da autora, novembro/dezembro de 2016.

Vale ressaltar que nas famílias investigadas na comunidade a mão de obra é totalmente familiar. Porém, nos momentos mais intensos do ciclo de produção, como na colheita, há ajuda mútua entre os produtores. Há, em média, 06 integrantes em cada família, resultando em considerável força de trabalho para as etapas de produção do tabaco.

Os resultados da pesquisa de campo apontam que a maioria da população local possui descendência ucraniana. Além de preservarem a tradição, principalmente na religiosidade, destaca-se a solidariedade como um ponto forte dessa população, pois no momento de preparar o solo para o plantio nem todos os fumicultores possuem os implementos necessários para essa atividade, havendo assim a solidariedade entre eles. Na comunidade, são constantes os empréstimos de maquinários e equipamentos agrícolas necessários para o desenvolvimento da produção. Dados levantados na pesquisa de campo apontam que dos cinco entrevistados de tabaco convencional, dois possuem todos os equipamentos agrícolas, dois somente trator e carreta, e um não possui nenhum tipo de equipamento para utilizar na safra do tabaco.

Desde o início do cultivo, os agricultores tornam-se dependentes do mercado, o mesmo fornece todos os subsídios que o produtor necessita para melhorar a produção. Na comunidade, além da dependência de empresas que fornecem produtos diretamente para os agricultores, os produtores que possuem recursos próprios evitam acessar esses subsídios das empresas, uma vez que o juro aumenta com a demora do pagamento e acaba diminuindo a renda da produção. O Entrevistado 01 (2017) relata que,

“No meu caso eu pego pouca coisa da firma, eles se aproveitam muito nos preços, cobram frete e ainda a gente paga só depois de vender o tabaco, daí fica gerando muito juro pra gente pagar [...] pois eu pego meu carro e busco os venenos na cidade, os adubos eu peço pra eles me trazerem e ainda esperam pra pagar na safra e não pago juro (ENTREVISTADO 01, 2017).

O Entrevistado 02 (2017) complementa que,

Faz 20 anos que eu planto tabaco e eu sempre compro os insumos do comércio na cidade, eles oferecem vantagens, a gente consegue negociar. [...] eu sempre reservo dinheiro e compro à vista, ainda ganho desconto e eles não cobram frete pra trazer na minha propriedade, eu evito comprar os produtos da firma, só compro quando vejo muita vantagem. (ENTREVISTADO 02, 2017).

As imagens abaixo mostram a estufa elétrica de grampo. A figura 06 apresenta o tabaco logo após a colheita sendo grampeado e colocado na estufa para ser curado; a figura 07 mostra o tabaco pronto para ser transferido para os barracões, depois será classificado, manocado e encaminhado às indústrias de processamento.

Figura 06 – Colocação do tabaco na estufa elétrica após a colheita.



Fonte: da autora, dezembro 2016.

Figura 07 – Tabaco seco pronto para classificação.



Fonte: da autora, dezembro 2016.

Os agricultores possuem aparentemente alguns benefícios das empresas, como a compra do tabaco em qualquer quantidade e classe produzida, muitos agricultores mantêm o vínculo para conservarem seus cadastros ativos para a venda do tabaco. Segundo o entrevistado 04 (2017),

eu tenho cadastro com uma firma, mas as vezes o preço está muito alto, daí eu vou na cidade e acabo comprando lá, eles me dão prazo para pagar com a safra de fumo, pra mim é vantagem, pois tem que economizar, tem coisas que dá muita diferença nos preços dos produtos, daí eu pego somente o necessário da firma (ENTREVISTADO 04, 2017).


Durante a safra do tabaco os comerciantes abastecem os comércios de produtos próprios para o plantio do tabaco, proporcionando aos produtores um valor abaixo do valor repassado pelas empresas.

4.1 OS MECANISMOS DE SUBORDINAÇÃO DO AGRICULTOR

São muitos os momentos que revelam a subordinação do camponês no processo de comercialização do tabaco. O controle unilateral que as empresas do setor tabagista exercem torna evidente essa relação, pois no processo de venda do produto as classes são definidas nas unidades de compra e comercialização pelos classificadores dessas empresas. É esse momento da venda que acaba sendo decisivo para garantir margens significativas de lucratividade pelas empresas e uma renda baixa para o produtor.

A figura a seguir mostra o material disponibilizado aos agricultores pela empresa Souza Cruz, referente à safra de 2015/2016 e os valores contidos foram adotados por todas as empresas do setor tabagista no momento da comercialização.

Figura 08 - As classes do tabaco Virgínea, disponível pela Souza Cruz - safra de 2015/2016.



VIRGÍNIA					
CLA	RS/KG	RS/9	CLA	RS/KG	RS/9
XO1	9,04	135,60	BO1	10,72	160,80
XO2	7,60	114,00	BO2	8,28	139,20
XO3	6,23	93,45	BO3	7,47	112,05
XR1	6,78	101,70	BR1	8,35	125,25
XR2	4,19	62,85	BR2	6,13	91,95
XR3	2,47	37,05	BR3	4,10	61,50
XL1	7,22	108,30	BL1	8,15	122,25
XL2	5,86	87,90	BL2	6,59	98,85
XK	3,01	45,15	BK	5,14	77,10
CO1	10,30	154,50	TO1	10,20	153,00
CO2	9,04	135,60	TO2	8,61	129,15
CO3	7,30	109,50	TO3	7,31	109,65
CR1	7,22	108,30	TR1	7,95	119,25
CR2	5,14	77,10	TR2	5,45	81,75
CR3	3,30	49,50	TR3	3,17	47,55
CL1	8,15	122,25	TL1	6,62	99,30
CL2	6,59	98,85	TL2	5,14	77,10
CK	4,10	61,50	TK	3,91	58,65
G2	3,91	58,65	SC	1,02	15,30
G3	1,02	15,30	ST	0,62	9,30
N	2,58	38,70			

Fonte: da autora, outubro de 2017.

As empresas decidem o valor pelos seus interesses e critérios adotados no momento da classificação do tabaco. Esse processo amplia ainda mais o grau de subordinação dos camponeses, pois além de envolver economicamente, as empresas ainda se apropriam das formas de trabalho familiar. Esse fato é justificado pelo Entrevistado 02 nos seguintes termos:

A jornada de trabalho é muito sofrida principalmente na planta, carpida e colheita. Os orientadores dão assistência no momento do plantio e raramente aparecem na propriedade para dar assistência técnica, o pior momento enfrentado por mim e por todos os vizinhos é o momento da comercialização, o preço nem sempre é aquele esperado pela nossa família que trabalhou nesse sol de rachar e não é valorizado na hora de vender (ENTREVISTADO 02, 2017).

O entrevistado 03 (2017) complementa,

não tenho muitas vantagens de vender para a firma não, mas a gente se obriga por causa da dívida que faz durante a safra, tudo gira em torno do preço que eles pagam nos quilos, quando a gente manda a produção vem o valor pago depois, pois a gente nem sempre acompanha a venda devido à empresa ser em outros municípios, quando chega a nota da venda sempre nos decepcionamos, esperamos um valor pelo produto e sempre vem abaixo do esperado, nessa hora que desanima plantar tabaco pois a gente sofre tanto e eles não reconhecem nosso trabalho sofrido (ENTREVISTADO 03, 2017).

Podemos analisar que o momento da classificação do tabaco é a fase mais esperada pelo agricultor, pois para essa classe trabalhadora representa a possibilidade da remuneração de todo o esforço/dedicação voltado ao tabaco no decorrer do ano. Para as empresas compradoras, o momento da classificação não passa de uma estratégia para controlar a qualidade do produto que será comprado. As empresas tabaqueiras definem o pagamento integral da produção, subordinando economicamente esses agricultores, principalmente quando há uma grande oferta do produto. O processo de classificação se torna mais rigoroso, rebaixando e desvalorizando a produção. Todavia, quando há uma demanda menor, ocorre uma valorização e favorece o aumento do valor pago para os agricultores.

Em entrevista com o orientador 02 (2017),

[...] “A classificação do tabaco sempre seguiu padrões mais rígidos no processo e comercialização, conseqüentemente surgiram novas variedades de sementes com alta resistência, muitas técnicas avançadas foram adquiridas para a produção, seguindo as exigências dos padrões de qualidade do mercado mundial, para auxiliar o produtor a produzir com maior qualidade”.

Sendo assim, o mercado do tabaco exige mais qualidade de produção, no momento da classificação dificulta ainda mais a possibilidade de negociação da produção. Nestes termos, as empresas têm total domínio da produção e dos valores a serem pagos pelas classes, permanecendo evidente a submissão desses camponeses ao setor tabagista.

Dornelles (2012, s/n) aponta que “nos momentos de comercialização do tabaco tem tido recorrentes embates políticos entre as entidades representativas dos produtores de tabaco e as representações das empresas tabaqueiras quanto ao preço”. Muito embora os rendimentos obtidos pela lavoura de tabaco comparativamente à área plantada das demais lavouras apresentem maior retorno aos agricultores, a cada safra tem ocorrido um contínuo aumento no custo de produção da lavoura, especialmente dos custos variáveis de produção, como a mão-de-obra contratada, os insumos químicos, a lenha e as despesas financeiras com os bancos, diminuindo a margem de rendimentos obtidos pelos produtores.

A pesquisa de campo também revelou que a produção de tabaco na comunidade conta com inovações técnicas, como: máquinas agrícolas, arado puxado pelo trator, pé de pato, pulverizadores acoplado no trator, carreta, estufas elétricas etc... Porém, esses instrumentos não substituíram a mão de obra familiar dos camponeses, que é essencial para manter a qualidade da produção em folha.

Após a análise da pesquisa de campo obtiveram-se dados relevantes que mostraram várias causas pelas quais os agricultores permanecem trabalhando com o tabaco. O Entrevistado 01 relata que,

a produção do tabaco em comparação com os outros produtos que você cultiva na propriedade, você vê na precocidade do dinheiro, por causa que se você caprichar no fumo e se seu tempo colaborar, ou seja, você com 70 dias já vai ter uma renda, e no caso hoje quem que vai te oferecer uma cultura e te oferecer um dinheiro abaixo de 70 dias? Não existe, um feijão ele vai te dar retorno [*dinheiro*] com 90 dias, mas quem que garante que se ocorrer um contratempo um granizo ou três dias de chuva, já era, o feijão acaba brotando e uma safra toda se vai embora (ENTREVISTADO 01, 2017).

Seguindo a mesma lógica, o entrevistado 05 (2017) relata que:

[...] na verdade o tabaco ele tem preço garantido, e chovendo ou não chovendo, ele não depende do clima ele sempre vai produzir e dá pra colher, e o feijão qualquer coisa ela já brota e o preço não é garantido, então o povo todo ano tem um preço garantido pelas empresas, tudo bem que eles não pagam lá em cima, mas por mais que não pague na classe A que é a mais alta, se for ver todas as classes estão subindo, nesse ano subiu quase R\$ 1,00 por cada classe (ENTREVISTADO 05, 2017).

A agricultura camponesa no sistema capitalista se reproduz contraditoriamente, pois ao mesmo tempo em que o homem vive no campo e necessita garantir o sustento da família, ele também está integrado no sistema capitalista. Diante desse processo, entende-se que o setor tabagista se apropria da renda da terra] e do trabalho dos agricultores para acumulação de capital. Neste sentido, Silva (1999) afirma que,

Essa atitude de tratar igualmente os produtores que são fundamentalmente desiguais, além de socialmente injusta, tem elevado a que os resultados de modernização da agricultura brasileira beneficiem efetivamente a minoria dos grandes produtores rurais, os setores oligopolistas da indústria, fornecedora de insumos, máquinas, e equipamentos para a agricultura, as agroindústrias processadoras de matérias primas e os bancos repassadores de recursos do crédito rural (SILVA, 1999, p. 143).

Nesse sentido subentende-se que as empresas se utilizam de vários recursos para manter o camponês preso a essas agroindústrias que oferecem aparentemente vantagens para essa cultura. O tabaco orgânico tem se apresentado recentemente como uma dessas possibilidades.

4.2 A PRODUÇÃO DE TABACO ORGÂNICO: UM NOVO CAMINHO PARA O CAPITAL?

Com o interesse de diminuir os riscos da exposição aos agrotóxicos, alguns agricultores familiares da comunidade da Linha Piquirí estão iniciando o cultivo do tabaco orgânico. O número de famílias que trabalha nesse sistema de produção é muito inferior ao do tabaco convencional. Como já mencionado, 85 famílias trabalham com o tabaco químico e 05 famílias produzem exclusivamente tabaco orgânico.

A pesquisa de campo permitiu constatar que estes agricultores cultivavam o tabaco convencional, mas o substituíram pelo orgânico devido aos riscos à saúde que estavam expostos e ainda pelo fato de o tabaco orgânico ser comercializado com valor de, pelo menos, 60% acima do químico. O entrevistado 02 (2017), do tabaco orgânico relata que:

“A empresa oferece 60% acima da média, é tipo um bônus da empresa orgânica se tiver tudo certo, no caso sem resíduos. A diferença é desses 60% e melhorias do preço que é mais valorizado, ganha mais no produto em menos área de produção. Nós estamos plantando há dois anos esse fumo orgânico, é bom de trabalhar, mas o trabalho é bem mais pesado que do convencional, ele é feito todo manual, já no outro nos usava maquinários e sobrava mais tempo livre e com esse tem que se dedicar mais, mas o resultado compensa muito” (ENTREVISTADO 02, 2017).

Após o levantamento de dados dos produtores foi realizada a entrevista com orientador a respeito do tabaco orgânico, o qual relatou que o destino desse produto segue o mesmo processo do tabaco químico (convencional). Entretanto, a empresa que recebe o produto deve ser certificada pelos órgãos regulamentadores internacionais, sendo que grande parte do produto se destina à União Europeia, Estados Unidos e Japão.

O orientador ainda relatou as principais diferenças do tabaco convencional e do orgânico. Ele descreve que o produtor deve estar aberto a essa mudança, ele não pode “*pensar quimicamente*”, uma vez que precisa de áreas específicas para produzir em sistema orgânico.

As áreas são certificadas com a mediação da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER/PR. A certificação é realizada por uma empresa certificadora contratada que realiza a inspeção e confere a certificação.

Há especificidade em relação a legislação dos diferentes países sobre o tempo mínimo em que a área destinada ao cultivo do tabaco orgânico não tenha recebido agrotóxicos ou outros insumos convencionais. Em alguns casos os produtores precisam aguardar 36 meses para receber a certificação.

O tabaco orgânico recebe cama de aviário como base da adubação. Apesar de ser o mesmo tabaco, as mesmas variedades e o mesmo processo de produção, a diferença em relação ao preço pago tem atraído interessados em trabalhar no sistema orgânico.

A partir da pesquisa de campo, observa-se que os produtores aderiram a essa cultura por apresentar técnicas agrícolas ecologicamente mais aceitas e preservação do meio ambiente, assim como a melhoria na qualidade de vida dos envolvidos com essa produção. Os entrevistados pretendem continuar com o plantio somente de tabaco orgânico, assim como alguns entrevistados do tabaco convencional pretendem, nos próximos anos, aderir a esse sistema também. O Entrevistado 03 (2017), que trabalha com tabaco convencional, relata que:

“Faz 15 anos que eu lido com esse tipo de tabaco sabe, mas quando vi o pessoal da comunidade pegando esse orgânico fiquei cabreiro, pois não usar veneno na lavoura ‘suja’ muito, mas fiquei só analisando. Vi que eles venciam carpir com enxada o os matos, daí fui conversar com esses que plantaram esse tabaco, eles falaram que compensa muito pois não precisa plantar bastante e o retorno é grande, daí já conversei com a família e com o orientador que me explicou como funciona e no ano que vem vou parar com esse químico e plantar o orgânico para experimentar, se der resultado bom daí vou seguir com o orgânico, se não volto com o químico” (ENTREVISTADO 03, 2017).

O entrevistado 04 (2017) que cultiva o tabaco químico relata que:

“Minha família é pequena, somos em 4 na casa, mas precisamos sobreviver, e o tabaco da mais lucro na comunidade, mas vi que o orgânico é mais vantagem e dá pra plantar menos pés de fumo, além de usar menos veneno, ajuda o meio ambiente, né? Eu vou começar no ano que vem plantar uns 20 mil pés desse tabaco orgânico, eu tenho um pedaço pequeno de terra que não é passado veneno daí se eu gostar vou continuar plantando” (ENTREVISTADO 04, 2017).

A área destinada para o plantio do tabaco orgânico é menor do que a do convencional, devido ao manejo ser manual e requerer mais cuidado com a produção. A área dos 02 entrevistados que plantam tabaco orgânico corresponde a 4,8 hectares. O Entrevistado 01 planta cerca de 50 mil pés, já o Entrevistado 02 planta 30 mil pés de tabaco. A secagem é realizada em estufas elétricas de folha solta e grampos, seguindo a mesma lógica de produção

do tabaco convencional, porém a renda final é muito superior. O Entrevistado 01 (2017) que planta tabaco orgânico relata que:

a satisfação é enorme em poder gerar uma renda ainda maior para a família. Nós plantamos 50 mil pés de tabaco esse ano, cuidamos dele igual ao convencional e na hora de vender a gente ficou muito feliz, quando vimos o retorno que deu para nós, é muito gratificante poder trabalhar como que a gente gosta e ter uma renda ainda maior para manter a família no decorrer do ano (ENTREVISTADO 01, 2017).

Abaixo aparecem imagens de alguns produtos que são utilizados pelos agricultores no manejo do tabaco orgânico, os mesmos são adquiridos diretamente da Organik Soul Tabaco, que revende somente produtos orgânicos.

Figura 09 - Pulverizador costal para aplicação de insumos orgânicos.



Fonte: Da autora, setembro 2017.

Figura 10 - Adubo foliar para as mudas e óleo vegetal para o desbrote.



Fonte: da autora, setembro 2017.

Os agricultores fazem uso de diversos produtos que são disponibilizados pelas indústrias tabaqueiras a fim de produzir um tabaco menos agressivo ao ambiente e à população.

A forma orgânica de produção na comunidade vem se destacando lentamente até o presente momento. Os orientadores incentivam os produtores a deixarem o modelo convencional para aderir ao orgânico, vários fatores contribuem para esse plantio, como os custos de produção menores do que o convencional e o preço final é compensador para o agricultor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção do tabaco se tornou uma das atividades econômicas mais importantes para a produção familiar nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. A indústria tabagista se modernizou e investiu em estratégias e marketing para crescer e consolidar o setor.

O tabaco contribui para a permanência dos agricultores no campo, contando com o trabalho familiar e subordinando a agricultura camponesa à lógica do capital. Esta cultura se adaptou com facilidade no município de Prudentópolis, que conta com várias empresas do setor tabagista que exploram os recursos para ampliar sua capacidade produtiva. As características do solo e clima, juntamente com a disponibilidade de mão de obra fizeram com que a produção do tabaco fosse amplamente desenvolvida na Linha Piquirí, interior do município citado.

A propriedade camponesa não se estrutura com o objetivo de acumular capital, mas sim de subsistência familiar e para isso o aumento da renda é fundamental. As empresas tabaqueiras se beneficiam da mão de obra familiar, já que a matéria-prima que necessitam é viabilizada pela produção familiar.

Durante a pesquisa foram identificadas as dificuldades enfrentadas pelos agricultores no processo de comercialização, pois não basta a empresa garantir a compra, ela necessita garantir um melhor preço a ser pago pelo produto. É visível a relação de subordinação estabelecida com os agricultores na Linha Piquirí, uma vez que as empresas têm total domínio sobre os processos de produção e comercialização do tabaco. A relação de dependência tende a se fortalecer já que além de se apropriar da mão de obra familiar, as empresas oferecem facilidades nos financiamentos e acabam ampliando seu controle sobre os produtores.

A produção do tabaco orgânico, embora traga maior retorno econômico e diminua o contato com os agrotóxicos aos agricultores que trabalham com esse sistema de produção não altera a relação de subordinação dos mesmos.

Destaca-se, finalmente, a necessidade de políticas públicas que proporcionem aos agricultores outras possibilidades de permanência no campo sem necessitar estabelecer relações subordinadas com o capital internacional. A produção do tabaco, embora contribua com a geração de renda, promove consequências negativas para o agricultor, o ambiente e a sociedade em geral. Sem a intervenção do Estado, os agricultores estão cada vez mais presos às relações de subordinação que não contribuem, de fato, para o desenvolvimento do e no campo.

REFERÊNCIAS

- ABIFUMO: Disponível em: <www.Abifumo.org.br>. Acesso em 06 nov. 2017.
- AFUBRA. **Fumicultura no Brasil** Disponível em: <<http://www.afubra.com.br/fumicultura-brasil.html>>. Acesso em 19 abr. 2017.
- ALIANCE ONE: Disponível em: <<http://portaldotabaco.com.br/alliance-one-completa-10-anos-de-atuacao-no-setor/>>. Acesso em set. 2017.
- ANDREAZZA, M. L. **O paraíso das delícias: um estudo da imigração ucraniana 1895- 1995**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.
- BARDIN, Laureance. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: ed. 70, 2004.223p.
- BORUSZENKO, Oksana. **Imigração Ucraniana no Paraná**. In: Anais do V Simpósio História. Porto Alegre, 1969.
- BORUSZENKO, Oksana. **Os ucranianos**. 2ª Ed. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v.22. 1995.
- BRUM, Argemiro. **Desenvolvimento econômico brasileiro**. Rio de Janeiro: vozes. 1998. 19ed. 571p.
- CHANG, M. Y. **Sistema Faxinal: Uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-Sul do Paraná**. Dissertação (Mestrado em Economia), UFRRJ. Rio de Janeiro, 1985.
- CTA. Disponível em: <http://www.cta.com.br/Institucional_hist.html>. Acesso em set. 2017.
- DESER; **Departamento de estudos Sócio-Econômicos Rurais**. A fumicultura do Brasil e a convenção quadro para o controle do tabaco. Curitiba, Janeiro, 2007.52p. Disponível em <http://www.deser.org.br/pub_read.asp?id=109>. Acesso em 23 abr. 2017.
- ETGES. Virgínia Elisabeta. **Sujeição e resistência: os camponeses gaúchos e a indústria de fumo**. Santa Cruz do Sul: Ed FISC, 1991.209p.
- FERNANDES, B.M. **Questão Agrária, Pesquisa e MST**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- GRAZIANO, J da Silva. **Tecnologia e Agricultura Familiar**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.
- IBGE: **Perfil das Cidades** Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=412060&search=||infogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>>. Acesso em 21 mai. 2017.
- STRACHULSKI, Juliano, UEPG, Doutorando em Geografia 2017.
- ISNARD, H. **O Espaço Geográfico**. Coimbra: Almedina, 1982.

IPARDES: **Perfil municipal**. Disponível em:

<http://www.ipardes.gov.br/perfil_municipal/MontaPerfil.php?codlocal=61&btOk=ok>. Acesso em 22 mai. 2017.

KLEIN, Herbert S. **Migração Internacional na História das Américas**. In: FAUSTO Boris. Fazer a América. 2º ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.

MAPA. Disponível em:

<<http://sistemasweb.agricultura.gov.br/sislegis/action/detalhaAto.do?method=visualizarAtoPortalMapa&chave>>. Acesso em 13 set. 2017.

MAPA: **Mapa do Paraná**. Disponível em:

<<https://www.google.com.br/search?q=Encyclopædia+Britannica,+Inc+mapa+do+parana&tbm=isch&imgil=9ST9j3di3S-j5M%253A%253BePlaAbUTxPhSEM%253Bhttp%25253A%25252F%2>>. Acesso em 15 jun. 2017.

NARDI, Jean. B. **O fumo brasileiro no período colonial**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1996. 432 p.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Agricultura camponesa no Brasil**. 2001. 4 ed. Contexto, São Paulo, 2001.

ORGANIK SOUL. Disponível em: <<http://organiksoultabacos.com/pt/#futuro>>. Acesso em 06 de nov. 2017.

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Por uma geografia dos camponeses**. São Paulo: UNESP, 2006.

PROFIGEN DO BRASIL LTDA. 2006. Disponível em: <www.profigen.com.br>. Acesso em set. 2017.

PRUDENTÓPOLIS. **Mapa de Prudentópolis**. Disponível em:

<<https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=mapa+de+prudentopolis&>>. Acesso em: 03 abr. 2017.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. Cantineiros e colonos a indústria vinícola no Rio Grande do Sul. In: DACANAL, J H & GONZAGA, S. (Org.). **RS: Imigração e colonização**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980 p. 138.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Colonos do Vinho** - Estudo sobre a subordinação do trabalho do camponês ao capital. São Paulo, 1978 p.182.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SAÚDE: **Lei Antifumo**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/saude/2014/12/lei-antifumo-passa-a-valer-a-partr-desta-quarta-3>>. Acesso em 18 mai. 2017.

SILVA, José F, Graziano da. **Estrutura agrária e produção de subsistência na agricultura brasileira**. São Paulo: Hicitec, 1978 p. 267.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da; DORNELLES, Mizael; FERRARI, Stela. Expansão da cultura do tabaco no sul do Brasil (1996-2006): características, mudanças e persistências na produção de tabaco e nos usos do território. **Biblio3W**. Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 5 de agosto de 2012, Vol. XVII, nº 987.

SILVEIRA, R. L. L. da. **Complexo agroindustrial do fumo e território: a formação do espaço urbano e regional no Vale do Rio Pardo - RS**. 2007, 578 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis, 2007.

SILVEIRA, R. L. L. da. **Rede agroindustrial do tabaco e a dinâmica de organização espacial e de usos do território na região Sul do Brasil**. Relatório Final de Pesquisa. Santa Cruz do Sul: CNPq/UNISC, janeiro, 2011. 170p. Disponível em: <<http://online.unisc.br/acadnet/ppg/rlls/?pg=arquivos-php>>. Acesso em 03 mar. 2017.

SINDITABACO_ SINDICATO DA INDÚSTRIA DO TABACO NO SUL DO BRASIL. **A cultura do tabaco no sul do Brasil**. Santa Cruz do Sul, 2009. 11p. Disponível em: <http://www.sinditabaco.com.br/helpers/php/get_file.php?what=38>. Acesso em: 17 mar. 2017.

SOUZA CRUZ: Disponível em:

<http://www.souzacruz.com.br/group/sites/SOU_AG6LVH.nsf/vwPagesWebLive/DOAG7DXA.>. Acesso em: 01 out. 2017.

SOUZA CRUZ. **Nossa história**. 2011. Disponível em: <

<http://www.souzacruz.com.br/group/sites/SOU7UVF24.nsf/wPagesWebLive/DO7V9KSX?.o pendocument>>>. Acesso em 17 jun. 2017.

SPIES, Rodalice. **O processo de especialização produtiva da microrregião fumicultora de Santa Cruz do Sul –RS**. 2000. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2000.

VOGT, O. P. **A produção do fumo em Santa Cruz do Sul-RS (1849-1993)**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1997.

ZAROSKI, N. G. **A utilização do tempo pelos imigrantes ucranianos de Prudentópolis 1940-1960**. 50 f. TCC (Graduação em História) Curitiba: UFPR, 2001.

WANDERLEY, M. de N.B. **O mundo Rural como Um Espaço de Vida - Reflexões sobre propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009 p.136.

APÊNDICE A - ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA COLETA DE DADOS EM CAMPO

Agricultores do tabaco convencional

Local: _____

Data e hora da entrevista: _____

1. Dados de Identificação:

1.1 Nome do/aentrevistado/a: _____

1.2 Idade: _____ 1.3 Escolaridade: _____

1.4 Contato. telef.: _____

2. Sobre a unidade de produção:

2.1 Tamanho total (em hectares): _____

2.2 Tamanho da área destinada para o cultivo do tabaco na última safra (em hectares): _____

2.3 Número de plantas/pés: _____ 2.4 Tipo de estufa utilizada: _____

2.5 Há quantos anos trabalha com tabaco? _____

2.6 Quais produtos são cultivados e comercializados além do tabaco? (listar de acordo com a importância – do mais importante para o menos importante)? _____

2.7 O tabaco é o principal produto na geração de renda para a família? () SIM () NÃO
Se não, qual é o principal produto para a geração da renda? _____

3. Sobre as motivações e o trabalho para a produção do tabaco

3.1 Quais os motivos que o levaram para a produção do tabaco? Teve algum incentivo? De quem?

3.2 O trabalho é de base familiar (família é responsável pela maior parte do trabalho)?

() SIM () NÃO

3.2.1 Quantas pessoas moram na casa? _____ Quantas trabalham no tabaco? _____

3.3 Utiliza ajuda mútua/troca de dias de trabalho com vizinhos para o trabalho do tabaco? Se sim, em que momentos e para quais atividades? Como é feita a devolução das horas de trabalho?

3.4 Contrata algum funcionário em algum momento do ciclo de produção do tabaco? Se sim, quantos? Por quanto tempo? Para quais atividades?

3.5 Poderia descrever como é a jornada/ carga de trabalho nos diferentes períodos de produção do tabaco (preparação da terra, plantio, acompanhamento, colheita, secagem, seleção do produto, etc.).

3.6 Quais as principais dificuldades para a produção do tabaco (preço, sobrecarga de trabalho, entre outros...).

4. Sobre as relações com as instituições financeiras

4.1 Utiliza algum tipo de financiamento bancário para a produção do tabaco? De qual tipo? Em qual banco? (identificar se utilizou financiamento para a infraestrutura, estufas e compra de maquinário etc.).

4.2 Consegue arcar com o pagamento do financiamento ou encontra dificuldades?

5. Sobre a comercialização e a relação com os compradores:

5.1 Vende o tabaco para qual/quais empresas (referência última safra):

5.2 Trocou de empresa compradora no(s) último(s) ano(s)? Por quê?

5.3 Quais tipo de subsídios a empresa compradora oferece?

5.4 Possui algum financiamento direto com a empresa compradora? Como é feito o pagamento do mesmo?

5.5 Como são obtidos os insumos utilizados na safra?

5.6 Possui liberdade para negociar o valor dos insumos? A compra é feita individualmente ou com vizinhos/conhecidos em quantidades maiores?

5.7 Tem liberdade de negociação da produção do tabaco com a empresa compradora?

5.8 Quais vantagem/desvantagens de vender para as empresas compradoras?

5.9 Quais vantagens/desvantagens de vender para os atravessadores?

5.10 Com a venda do produto se torna viável a produção?

5.11 No caso de perda da produção por fatores climáticos quem assume o prejuízo? Como fica o pagamento do financiamento?

6. Pretende seguir com a produção de tabaco nos próximos anos?

7. Quais as principais vantagens e desvantagens da produção do tabaco em comparação com os outros produtos que cultiva e comercializa? (Em relação aos diferentes aspectos: produtividade, facilidade do manejo, comercialização, etc.).

8. Teve algum problema de saúde que acredita estar relacionado com os insumos/tipo de trabalho relacionado com o tabaco?

APÊNDICE B - ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA COLETA DE DADOS EM CAMPO

Agricultores do tabaco orgânico

Local: _____

Data e hora da entrevista: _____

1. Dados de Identificação:

1.1 Nome do/aentrevistado/a: _____

1.2 Idade: _____ 1.3 Escolaridade: _____

1.4 Contato. telef.: _____

2. Sobre a unidade de produção:

2.1 Produz tabaco: () Orgânico e convencional () Somente orgânico

2.2 Há quanto tempo (em anos): Convencional: _____ Orgânico: _____

2.3 Tamanho da área da unidade de produção (em hectares): _____

2.4 Tamanho total (em hectares) do orgânico e do convencional: _____

2.5 Números de plantas/pés do orgânico e do convencional: _____

2.6 Tipos de estufa utilizada: _____

2.7 Quais produtos são cultivados e comercializados além do tabaco? (listar de acordo com a importância – do mais importante para o menos importante)? _____

2.8 O tabaco é o principal produto na geração de renda para a família? () SIM () NÃO

2.9 A renda é maior com o orgânico ou com o convencional?

2.10 O tabaco orgânico possui algum tipo de certificação? Como é feita? Qual a empresa que certifica? Como é feito o processo de certificação?

3. Sobre as motivações e o trabalho para a produção do tabaco

3.1 Quais os motivos que o levaram para a produção do tabaco? Teve algum incentivo? De quem? Isso também para o tabaco orgânico? Quais as vantagens e desvantagens de produzir o tabaco orgânico?

3.1.1 Poderia descrever em quais aspectos a produção do orgânico se diferencia do convencional?

3.2 O trabalho é de base familiar (família é responsável pela maior parte do trabalho)?

() SIM () NÃO

3.2.1 Quantas pessoas moram na casa? _____ Quantas trabalham no tabaco? _____

3.3 Utiliza ajuda mútua/troca de dias de trabalho com vizinhos para o trabalho do tabaco? Se sim, em que momentos e para quais atividades? Como é feita a devolução das horas de trabalho?

3.4 Contrata algum funcionário em algum momento do ciclo de produção do tabaco? Se sim, quantos? Por quanto tempo? Para quais atividades?

3.5 Poderia descrever como é a jornada/ carga de trabalho nos diferentes períodos de produção do tabaco (preparação da terra, plantio, acompanhamento, colheita, secagem, seleção do produto, etc.).

3.6 Quais as principais dificuldades para a produção do tabaco (preço, sobrecarga de trabalho, entre outros...).

4. Sobre as relações com as instituições financeiras:

4.1 Utiliza algum tipo de financiamento bancário para a produção do tabaco? De qual tipo? Em qual banco? (identificar se utilizou financiamento para a infraestrutura, estufas e compra de maquinário etc.)

4.2 Consegue arcar com o pagamento do financiamento ou encontra dificuldades?

5. Sobre a comercialização e a relação com os compradores:

5.1 Vende o tabaco para qual/quais empresas (referência última safra):

5.2 Trocou de empresa compradora no(s) último(s) ano(s)? Por quê?

5.3 Quais tipos de subsídios a empresa compradora oferece? Há diferença do orgânico para o convencional nesse aspecto?

5.4 Possui algum financiamento direto com a empresa compradora? Como é feito o pagamento do mesmo?

5.5 Como são obtidos os insumos utilizados na safra? De onde vem os insumos para a produção do orgânico? Quais os tipos de insumos utilizados? Produz algum deles na propriedade?

5.6 Possui liberdade para negociar o valor dos insumos? A compra é feita individualmente ou com vizinhos/conhecidos em quantidades maiores?

5.7 Tem liberdade de negociação da produção do tabaco com a empresa compradora? Em relação ao orgânico tem alguma diferença?

5.8 Quais vantagem/desvantagens de vender para as empresas compradoras?

- 5.9 Quais vantagens/desvantagens de vender para os atravessadores?
- 5.10 Com a venda do produto se tornam viável a produção?
- 5.11 No caso de perda da produção por fatores climáticos quem assume o prejuízo? Como fica o pagamento do financiamento?
6. Pretende seguir com a produção de tabaco (orgânico) nos próximos anos?
7. Quais as principais vantagens e desvantagens da produção do tabaco em comparação com os outros produtos que cultiva e comercializa? (Em relação aos diferentes aspectos: produtividade, facilidade do manejo, comercialização, etc.).
8. Teve algum problema de saúde que acredita estar relacionado com os insumos/tipo de trabalho relacionado com o tabaco?

APÊNDICE C - ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA COLETA DE DADOS EM CAMPO

Orientadores

Local: _____

Data e hora da entrevista: _____

1. Dados de Identificação:

1.1 Nome do/aentrevistado/a: _____

1.2 Idade: _____

1.3 Escolaridade/formação: _____

1.4 Contato. telef.: _____

1. Os agricultores possuem contrato com as empresas compradoras? Como funciona esse contrato? Por quanto tempo? Se uma das partes não cumprir com o contrato o que acontece?
2. No caso do produtor não atingir a meta estipulada de produção (em quilos), e não pagar suas dividas anuais qual o procedimento adotado pela empresa?
3. A produção do tabaco possui financiamento estatal (Pronaf)? Ou financiamento de integração com a indústria? Poderia explicar como isso ocorre?
4. A indústria disponibiliza transporte gratuito para os agricultores? Por quê?
5. A indústria assume algum risco causado pela variação climática no caso da má formação do tabaco? Qual?
6. A indústria fornece todos os subsídios desde o início até a comercialização da produção? Como o produtor realiza o pagamento desses subsídios? Como funciona a taxa de juros sobre esses produtos?
7. O valor da tabela anual de preços é definido por quem? O comércio exterior possui influência sobre essas alterações?
8. O produtor pode opinar na tomada de decisões das empresas compradoras? Por quê? Em que momento?
9. Após a venda do produto para as empresas compradoras, o tabaco vai para as indústrias de processamento ou é exportado? Poderia explicar esse “caminho” percorrido pelo tabaco? É exportado? Para onde?
10. Qual o destino do tabaco orgânico após a comercialização?
11. Quais as principais diferenças entre o tabaco orgânico e convencional – desde os aspectos de produção da unidade produtiva até na questão da comercialização? (preço, insumos utilizados, etc.).
12. As indústrias estimulam a produção do tabaco orgânico? Por quê?

13. Tem um perfil específico para a produção do tabaco orgânico ou qualquer agricultor pode trabalhar nesse sistema?

14. O tabaco orgânico possui algum tipo de certificação? Quem fornece? A indústria auxilia nesse aspecto?